

FÁTIMA LEONOR SOPRAN
(Organizadora)

ECLETISMO
NA POESIA
E NA PROSA

**ECLETISMO
NA POESIA
E NA PROSA**



Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho

Reitor

Carla Liane N. dos Santos

Vice-reitor

Sandra Regina Soares

Diretora da Editora

Conselho Editorial

Atson Carlos de Souza Fernandes

Liege Maria Sitja Fornari

Luiz Carlos dos Santos

Maria Neuma Mascarenhas Paes

Tânia Maria Hetkowski

Suplentes

Edil Silva Costa

Gilmar Ferreira Alves

Leliana Santos de Sousa

Mariângela Vieira Lopes

Miguel Cerqueira dos Santos

Fátima Leonor Sopran
(Organizadora)

**ECLETISMO
NA POESIA
E NA PROSA**

EDUNEB
Salvador
2015

© 2015 Autores
Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica,
resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2015.

Ficha Técnica

Coordenação Editorial

Ricardo Baroud

Coordenação de Design

Sidney Silva

Diagramação

Rodrigo C. Yamashita

Revisão textual

Os autores

Ficha Catalográfica - Sistema de Bibliotecas da UNEB

Eclétismo na poesia e na prosa / Organizado por Fátima Leonor Sopran .
Salvador; EDUNEB, 2015.
172p.

ISBN: 9788578872854

1. Poesia brasileira. 2. Crônicas brasileiras. 3. Contos brasileiros. I. Sopran,
Fátima Leonor.

CDD: B869.8

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 – Salvador – BA
editora@listas.uneb.br
www.uneb.br

A palavra dos homens é o material mais duradouro.

Se um poeta deu corpo à sua sensação passageira com palavras mais apropriadas, aquela sensação vive através de séculos nessas palavras e é despertada novamente em cada leitor receptivo.

Schopenhauer

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
APRESENTAÇÃO	15
POESIAS	17
Língua - Adryana Gonzaga	19
Segredo - Adryana Gonzaga	20
Loucura - Adryana Gonzaga	22
Busca - Adryana Gonzaga	24
Oferta - Adryana Gonzaga	26
Poeta - Adryana Gonzaga	27
Débito - Adryana Gonzaga	28
Licença - Adryana Gonzaga	29
Certeza - Adryana Gonzaga	30
Viagem - Adryana Gonzaga	32
Ego - Adryana Gonzaga	33
Liberdade - Adryana Gonzaga	35
Fuga - Adryana Gonzaga	36
Palavra - Adryana Gonzaga	37
Curso - Ananias Araújo	38
Despierto - Andréa de Castro Duarte Moura	42
Uma voz e um punhado de pensamentos dilacerados - Alan Brasileiro	43
Planta vitae - Aline Batista Melo	44

Como dizer adeus - Aline Batista Melo	46
Aquele eu! - Aline Batista Melo	48
O sentido da vida - Aline Batista Melo	50
Descobrimo orgulho - Aline Batista Melo	52
As águas cristalinas de Vênus - Diego Rochac	54
Flor do inverno - Diego Rochac	55
Justo imprevisto sonoro - Diego Rochac	57
Máscara poética - Fabrício Tharlen	60
Carpe diem - Fabrício Tharlen	62
Estrada de poesia - Fabrício Tharlen	63
Céu de diamantes - Fabrício Tharlen	64
Beba da Vida - Fabrício Tharlen	65
Beleza leve - Fabrício Tharlen	67
Inferno - Fabrício Tharlen	68
Feio - Fabrício Tharlen	69
Olhos cor de mel - Fabrício Tharlen	71
Reticências na tristeza...Vírgula na paixão, Ponto final no amor - F. Tharlen	73
Visões de Kate e Bessie - Fabrício Tharlen	75
A última obra de arte - Fabrício Tharlen	77
Poesia Sincera - Fabrício Tharlen	78
Dor - Fernanda Mayane de Oliveira	80
Floresta Negra - Flaiane Koester	82
Verdes Paraísos - Flaiane Koester	84
Monólogo da poesia - Flaiane Koester	87
Meu namorado Saramago - Flaiane Koester	89
Olhares dúbios - Janaína Netto	92
Sanha - Janaína Netto	93
Nação - Janaína Netto	94
Há - Janaína Netto	95

Ignotos - Janaína Netto	96
Abafado - Janaína Netto	97
Tempo - Janaína Netto	98
Capitalismo - Janaína Netto	99
Percalços - Janaina Netto	100
Sonhos de Amor ao luar - Josiane da Rocha Freitas	101
Infância pintada a carvão - Prof ^a Maria das Dores Pereira Santos	103
De onde vem esse olhar tão triste - Marya Paixão	104
Angústia , Marya Paixão	105
Garimpeira - Marya Paixão	106
Sem você - Marya Paixão	107
Preso a você - Vanessa dos Santos	108
Das alturas - Verônica Gonçalves de Lima	109
O mundo em câmera lenta - Verônica Gonçalves de Lima	110
Garotos - Verônica Gonçalves de Lima	111
Momento - Verônica Gonçalves de Lima	112
Ele - Verônica Gonçalves de Lima	113
Sentimento Pertinente FM - Welber Rocha Regis	114
Sentimento FM II - Welber Rocha Regis	115
CRÔNICAS	117
O acaso - Adryana Gonzaga	119
Alameda - Ananias Junior	121
O além telefona - Cristiane Negrão e Isaiane Samara	122
O engano - Daiana Lima da Silva	125
O assalto - Joseane Cavalcante e Lecilda Oliveira	128
Prazeres da gestação - Júnia Alcântara	130
Cidade Cinza - Hévila Scheidegge	132

A inocência de uma flor - Kele Mayele Silva da Cruz	133
Noite de sexta-feira treze - Marya Paixão	135
O último adeus - Marya Paixão	138
O susto - Ranyele Oliveira Santos	139
Papai Noel existe - Ranyele Oliveira de Sousa	140
Chuva – Vanessa Pereira dos Santos	142
Situação embaraçosa na infância - Verônica dos Santos de Mello	143
Sanatório - Verônica Gonçalves de Lima	145
CONTOS	147
Depois de todas as mentiras ditas só restam verdades - Andréa de C. D.Moura	149
Leleu e Nhonhô - Edson José dos Santos	151
O mistério da vida - Janara Laiza de Almeida Soares	155
Aprendendo a dizer não - Janaína Netto	159
A grande tempestade - José Luiz Soares da Rocha	162
A curva - Joseane da Rocha Freitas	165
O Mal entendido - Rosilda Santos da Silva	167
Sem palavras - Verônica Gonçalves de Lima	169

PREFÁCIO

Ao receber o convite de Fátima Leonor Sopran para prefaciар este livro, Ecletismo na poesia e na prosa, fiquei imensamente grata porque sua iniciativa em propiciar aos alunos do curso de letras da UNEB - Campus IX a vivência da escrita literária é louvável e merece ser contemplada com muito carinho. Ao ler o material impresso, deparei-me com algumas contiguidades semânticas nos títulos dos poemas, o que me motivou a aqui expressar uma prévia da agradável experiência que aguarda o leitor.

Escolhi para socializar minha agradável surpresa o título do poema que abre a obra: Língua. A presença poética deste vocábulo parece funcionar como pórtico para a leitura, pois põe o (a) leitor (a) no jogo entre língua e linguagem, ente o caráter de fixação e subversão, próprio da palvar literária.

Logo após essa entrada que ambiguiza o lugar da palavra, outros sentidos passam a estelar o texto (Barthes) nos significantes que emergem dos diferentes gêneros que estruturam o livro: poema, conto e crônica. Incitada por essa disseminação, construo aqui um inventário de palavras-títulos colhidas nesse campo textual que presentificam poeticamente a proposta desta obra.

Oferta, liberdade. Palavra. Outros títulos de poemas que apresentam possibilidades de encontro com quem lê, porque portadores de significados que devem ser postos necessariamente no plural de nossa imaginação. Da dádiva

daquele que escreve, à liberdade daquele que lê. Da coragem em oferecer, à generosidade em aceitar, movimento que é a marca da cooperação inerente à leitura.

“Estrada da poesia” é outro título que nos convoca a trilhar o percurso dos lugares poéticos que demarcam mundos possíveis. Em “Tempo”, vivenciamos a experiência do processo constitutivo do SER como condição para o acesso ao poético.

Em outro relance, escolhi o título “Prazeres da gestação”, não por acaso o de uma crônica, gênero que acentua o transpor cadenciado e ininterrupto do Tempo. E quão belo é visualizar a antítese proposta pela autora: ao tempo devorador - CRONOS - ela opõe a contínua experiência do devir - o filho que se gesta, a eterna continuidade como proposta incessante do novo!

Finalmente, deixo aos leitores e leitoras o prazer da viagem ao universo poético ofertado generosamente por todos aqueles que aceitaram participar desse projeto. Deixo, principalmente, à organizadora do livro, a colega Fátima Leonor, com quem partilho o apreço pela Literatura, minha gratidão pelo convite e pela partilha desse exercício de criatividade coletivo, que deve ser reconhecido!

Boa leitura a todos e a todas!

Maria das Dores Pereira Santos

Mestre em Literatura e Crítica Literária Prof^a. da
UNEB/ Campus IX, Barreiras-BA.

Julho de 2013

APRESENTAÇÃO

Esta obra é constituída por um apanhado de poesias, crônicas e contos elaborados pelos acadêmicos e pela professora Maria das Dores do Curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia -UNEB - Campus IX, recheados de amor, lembranças, histórias de vida e uma pitada de humor, despertando sensações que nos permitem viajar por esse mundo da escrita e da leitura.

Procuramos por meio do Projeto de Dedicção Exclusiva “Escrita de poesias, contos e crônicas na Universidade” abordar os três gêneros textuais que fazem parte de nosso cotidiano universitário, principalmente do Curso de Letras, embora neste trabalho de pesquisa constata-se que no Curso de Biologia a poesia também é importante para alguns alunos.

Sabe-se que é grande o desafio no campo da escritura, mas isso não nos intimidou, visto que conseguimos por meio do incentivo contínuo essa produção eclética e consistente.

Queremos com esse livro abrir caminho para outras publicações de trabalhos acadêmicos que precisam ser apreciados e divulgados não só no meio universitário, mas na sociedade em geral.

POESIAS
CRÔNICAS
CONTOS

Língua

Adryana Gonzaga

Língua que me desnuda,
Revelando minha astúcia,
Desvenda-me,
Denunciando minha ignorância,
Sem me dar chance
De atuar.

Língua que me publica,
Espalhando minha opulência,
Divulga-me,
Expressando minha miséria,
Sem me dar chance
De ocultar.

Língua que me expressa
Delatando minha velhice,
Mostra-me,
Expondo minha criancice,
Sem me dar chance
De disfarçar.

Língua tu és Reveladora,
Franca e verdadeira,
Se abro a boca, me tira a máscara,
Apresenta-me desarmada,
Sem me dar chance
Dissimular.

Segredo

Adryana Gonzaga

Só se vive o todo...
Quando se ouve o silêncio,
Para escutar o brado.
Quando se palpa o abstrato,
Para sentir o concreto.
Quando se viaja no dito,
Para contemplar o fato.

Só se vive o todo...
Quando se descreve o exceto,
Para escrever o preceito.
Quando se aprecia o subjetivo,
Para ser objetivo.
Quando se supera o preconceito,
Para alcançar o conceito.

Só se vive o todo...
Quando se observar o branco,
Para admirar o preto.
Quando se solve o cinza,
Para atingir o brando.
Quando se aprecia o modesto,
Para discernir o ostento.

Quando se aceita que tudo...
Não é pronto e acabado,
Nem pra sempre definido.
Percebe o belo,
No que não é perfeito.

Sai do grau de vivo morto,
Escreve o próprio enredo,
Alcança a essência da vida,
Desvenda o grande segredo.

Loucura

Adryana Gonza

Fujo do banal,
Para não ser ordinário,
Um ser igual,
De ato corriqueiro.
Esquivo-me do vulgar,
Do barato, do trivial,
No desejo díspar.
Rejeito o comum, o prosaico usual,
Prefiro a loucura ao normal.
E nessa mania de disparidade,
Não percebo a alienação,
Recheada de psicose e insanidade,
Chegando ao delírio da alucinação,
Com psicopatia neurótica,
Atinjo a esquizofrenia, entro em piração!
Lunático! Não alcanço o arremate
Em que todos são distintos e parecidos.
E na busca de ser, o gênio brilhante,
O esdrúxulo atrevido,
O extravagante sábio,
O exemplo seguido,
O esquisito incrível,
O estranho inusitado,
O exclusivo imprevisível,
O exceto imprescindível,
O executivo necessário,
O excelso insuperável,
O extraordinário único,

O especial avançado,
O excêntrico notável,
O excelente louco,
O exaltado valente,
O excepcional, típico
Exótico “**diferente.**”
Fico estático,
Idealizo o êxito,
Ignoro a paranóia,
Naufrago no êxtase,
E lúcido em ser inteligente,
Não passo de um tolo demente

Busca

Adryana Gonzaga

Há momentos que sinto trafegar,
Em minha entranha, uma estranha,
Que sem se identificar,
E sem aviso, me faz navegar.

Momentos de desejo
De viajar,
Ler, escrever, isolar.
Na busca de fugir, me fantasiar.

Momentos de desejo
De cantar.
Gritar, pular, pintar!
Na busca de permitir, me liberar

Momentos de desejo
De gargalhar.
Brincar, sorrir, chorar!
Na busca de emergir, me ressuscitar.

Momentos de desejo
De decorar.
Adornar, enfeitar o lar,
Na busca de distinguir, me localizar.

Momentos de desejo
A outrem nada provar.
Não ansiar recompensa,
Na busca de ninguém me cobrar.

Momentos de desejo
De esvaziar.
Tirar todo peso e amarras,
Apenas respirar.
Não estranhe, estou em transe,
Na busca de me encontrar.

Oferta

Adryana Gonzaga

Vai poeta garimpar!
Palavras ricas
De raro sentido,
Para seu poema adornar.

Vai ao infinito entranhar!
Buscar tesouro,
Mais precioso que ouro,
De beleza singular.

Vai à busca, sem cessar!
Com sutileza e humildade
Do criador da humanidade,
Ofertando para outrem lapidar.

Poeta

Adryana Gonzaga

O verdadeiro poeta
Recusa frase pronta,
Sem almejar afronta.
É que poesia verdadeira,
Rejeita palavra corriqueira.
A poética afiança,
Ir além da sobrevivência.
Viver a loucura e a mente sana,
Ultrapassar a mediocridade humana.
Ter o livre arbítrio a favor,
Não ser apenas cria
Mais também criador.

Débito

Adryana Gonzaga

Quem foi que disse,
Que para cada interrogação,
Devo uma resposta?
Quem foi que disse,
Que devo entender tudo,
E para tudo devo
Uma explicação?
Se tudo na vida,
Oscila na dúvida.
Provoca-me inquietude.
Não faça cobrança
À minha atitude.
Se não entendo tudo,
Se não entendo o mundo.
Onde tudo são permutas,
Permeado de perguntas.
Onde há dúvida,
Não há dívida.
Não tenho débito em entender,
Muito menos em ser entendida.
Não devo nada!

Licença

Adryana Gonzaga

Não escrevo para fugir da existência,
E sim, para me renovar,
Escrevendo não entro em amnésia,
E encontro meu lugar.

Não escrevo para passar o tempo,
E sim, para me presentear,
Que passado me torno a cada momento,
Porque todo instante aspira a diferenciar.

Não escrevo por que tenho algo,
Relevante a falar,
E sim, porque não me ouvem quando falo,
E minha alma necessita se expressar.

Não escrevo porque sou exibicionista,
Querendo aparecer e atenção chamar,
E sim, porque tenho devaneio de artista,
Sem me conter viajo sem destino a direcionar.

Escrevo com efervescência,
Sem saber o que registrar,
Mas aos intelectuais peço licença,
Para a palavra poder usar.

Escrevo porque não resisto ao encanto da poesia,
Se não aprecia, peço para desculpar
A humilde ousadia.
É uma força involuntária, não adianta me culpar.

Certeza

Adryana Gonzaga

Tenho certeza que falar “muito”,
Não é o mesmo que falar “demais”.
Tenho certeza que “silêncio”,
Não é o mesmo que “calar”.
Tenho certeza que “simples”,
Não é o mesmo que “comum”.
Tenho certeza que “ver”,
Não é o mesmo que “enxergar”.
Tenho certeza que “inteligência”,
Não é o mesmo que “sabedoria”.
Tenho certeza que “antigo”,
Não é o mesmo que “velho”.
Tenho certeza que “ouvir”,
Não é o mesmo que “escutar”.
Tenho certeza que “riqueza”,
Não é o mesmo que “completo”.
Tenho certeza que “pobreza”,
Não é o mesmo que “vazio”.
Tenho certeza que “louco”.
Não é o mesmo que “bobo”.
Tenho certeza que ser “criança”,
Não é o mesmo que ser “infantil”.
Tenho certeza que uma “pessoa grande”,
Não é o mesmo que uma “grande pessoa”.
Tenho certeza que “lixo”, pode se tornar “luxo”.
Tenho certeza que gosto de “música”,
Mas odeio quem faz meu ouvido de “penico”.
Tenho certeza que adoro a cor amarela,

E que colorida é a vida como uma aquarela,
Em nuances e lances, alegres e sombrios.

Ah! ... Já ia esquecendo!
Tenho certeza, que não tenho certeza!

Viagem

Adryana Gonzaga

Poesia é poesia.
Rima pobre,
Não tira sua opulência,
Rica não a faz mais nobre.

O que importa é o encanto,
Da viagem do pensar,
De quem vai a todo canto,
Sem sair do lugar.

No eterno movimento,
Em emoção particular.
A todo o momento,
Deixa a poesia levar.

Trafega no sentimento,
Deixar a alma navegar.
Não importa lugar nem tempo,
Ou se tenha que rimar.

Ego

Adryana Gonzaga

De que vale a tecnologia,
Navegar na internet,
Se a ilha da miséria,
Inavegável isolada permanece?

De que vale tanta informação,
Se não faz a diferença,
Nem percebe seu irmão,
Invisível de presença?

De que vale a contemporaneidade?
Se és retrógrado,
Cultiva a impunidade,
Do cativo ignorado.

De que vale a democracia?
Se és ditador,
Não ensina a cidadania,
E sim, dita à inércia do pensador.

De que vale o científico,
Se não és autêntico?
Não importa o talento,
Se és egocêntrico.

De que vale o conteúdo,
Se não se sabe ser?
Para que serve certificado,
Se não se sabe fazer?

De que vale o conhecimento,
Se és cego e covarde,
Diante aos acontecimentos,
Por vertentes da desigualdade?

Mais vale um analfabeto funcional,
Que faz acontecer,
Do que um letrado que não funciona,
Passivo, assiste a injustiça prevalecer.

O “conhecimento” te torna eternamente
Responsável pelo bem comum,
Obriga-te a se despir do egoísmo.

Liberdade

Adryana Gonzaga

Transgressora!
Poderosa feiticeira,
Revela-se sedutora
Com argúcia inspiradora.

Arbitrária!
Com audácia futura,
Navega em peripécia
Jamais sido de aventura.

Genial!
De singela formosura,
Supera o criador,
Indomável criatura!

Liberdade!
Conquista nas alturas!
Sonho realizado,
Tu és a Literatura!

Fuga

Adryana Gonzaga

Pinto sem noção
De ponto de fuga,
Mas tenho certeza
Que quero fugir.

Não importa
A linha do horizonte,
É além dela
Que quero ir.

Não interessa
O ponto de vista,
Quero ultrapassar
A visão ocular.

Nas linhas de fuga viajo,
Na perspectiva de voar.

Palavra

Adryana Gonzaga

Palavra tu és mistério, poder e sedução,
Unidade lingüística, fonológica,
Ortográfica, morfossintática,
Em um universo de significação.

Es variável e diversa,
Rica e abstrata,
Cruel e perversa.
Pois não dá chance
De te fazer exata.

Tão simples
Quanto complexa,
Conceituar tarefa difícil
Quando de te se trata.

Ao te definir.
Gostaria de ser objetiva e direta,
Mas é impossível, te ingerir.
E não se tornar poeta.

Curso

Ananias Araújo

Quando acordo ao sol nascente
Vejo meu riso inebriado de alegria
Lavo-me na águas de alforia
Cantando lamento sem sofrimento

Tuas curvas suntuosas
Famílias beiram rimas
Pontes que te cortam
Gotas que te pintam
Colorindo as tela de minha vida

Águas que jorram
Espelho água
Vidas espostas!
Nego Chico

Teu cais é meu porto...
Da leitura, anseios, cultura,
Devaneios tantos no porto da tua literatura

Mergulho no cais do teu corpo
Eternizo-me na ilusão dos teus beijos
E flutuo leve sobre verdades irrealizadas

A lavadeira que lavou os meus sonhos
O seu rosto teceu-se de dor
Pois eternizo neste cais a ilusão de um falso amor

Mas, desaguastes em outros nortes
O que será de ti?
Oh, Chico!
Desaguarás em outros cais?

“Onde o tempo será, tende ser
Já se dizia em outros versos
A Bahia te temperou com dendê
Oh, rio!

Agora...
Tento ver o sol se por nascente
Na esperança de quem sabe...
Um amanhã.

Os pardais?

Foram em busca de outro cais
O vapor?
Afundou-se em busca da aurora
Ao ver-te rio deslizando como riacho
A canoa encalhou-se na croa
A rede rasgou-se no pau
As ilhas secaram com o tempo
Que em suspiros findos corre lento

O pescador pesca sua própria vida
Em redes tecidas ao tempo
Entregou-se com lamento
Por tanto amar demais

O caixão de tua vida está esposto
Nos bancos de areia solidão
Nem âncora e carranca restarão
Roubo e morte
É o nome que deve se dar a tal transposição

Queres agora de ti
Fazer Estado velho São Francisco
Querem ganhar com sorriso no palanque
E rir de tuas desgraças nas calçadas

Tento encher, mas no consigo
O velho Chico se foi...
Desbravar outros caminhos
Trilhar rumos longínquos e escuros

O Opará entrarás em outras vidas
Encantarás outros cantos
Levando com ele minha alma
Tal qual colherei em gostas
O sorriso de tua morte.

Despierto

Andréa de Castro Duarte Moura

Despierto...
Lentamente redescubro el mundo
Atravieso calles estrechas, malhechas, contrarias

A todo que me recuerda belleza
Y saco los zapatos apretados

Enfrento el vendaval del pasado
Apago los castigos
Apago los lazos
Apago los muertos...

Y al fin, retorno
Me baño de agonía
Y en el último suspiro del día,

En los últimos segundos de la última hora,
Antes que la última promesa se cumpla
Comprendo y recomienzo todo otra vez
Lentamente...

Uma voz e um punhado de pensamentos dilacerados

Alan Brasileiro

Uma voz e um punhado de pensamentos dilacerados. As vozes ecoam pra além dos verbos, mesmo estando ao pé do chão. Qualquer palavra quando dita ou escrita toma por direito quem a disse ou a escreveu. Súbito, elas saem do quarto e param no tempo. Súbito, elas retalham o tempo e param nas mãos... Levantei trôpego. O som do despertador ainda varava minha cabeça impedindo que os pensamentos se organizassem. Logo ela bateria na porta e eu tinha que ter alguma desculpa na ponta da língua. Passo a língua nos dentes. Ela abre a porta. Eu fico mudo.

Planta Vitae

Aline Batista Melo

Quando menos se espera
Pouco menos se imagina
De uma das artérias sentimentais
Nasce uma linda menina

Diante de tantas dificuldades
Lá está à linda...
Ela brota e perfuma mais a cada dia
Não cresce á toa, é sempre bem vinda.

Tempo, tempos, tempos...
Ela cresce forte, firme... Linda

Desenvolve se por laços mais que ramificados,
Diferentes, mas inexplicavelmente FRATERNAS.
E assim, vai crescendo a cada dor e alegria os seus
significados.

Tempos, tempos, tempos...

E ela lá! Continua simplesmente linda!

Tempos, tempos, tempos.

Lá está a linda...

Hum... Tempos?

Não existe mais,

O presente

O passado

Tudo já se concretizou...

Tudo que de fato existe,

Nesta eternidade

A linda...

A verdadeira

AMIZADE!

Como dizer adeus

Aline Batista Melo

Naquele dia
Em que o sol brilhou cintilante
Ao se pôr, naquela brisa gostosa
Chegava-se à noite, e naquele momento
somente a lua iluminava a escuridão.

Ao me olhar no [espelho,]
Havia outra de mim...
Refletia naquele objeto a imagem
De uma pessoa mais viva
E tudo precipitadamente pelo
Que ainda iria acontecer.

A noite continuava ainda mais bela
E meus batimentos cardíacos
Ainda mais velozes
Saí de casa e fui ao encontro
Que possivelmente faria daquele dia
Um dia diferentemente inesquecível.

A junção de sentimentos bons
Estava presente em mim,
E lá fui eu! Cheguei e encontrei,
Quem meus olhos queriam ter enxergado.
Há mais tempo!

E assim o brilho daquela noite se completou
Meus olhos iam ao encontro daquela pessoa,

Os sorrisos tímidos eram trocados espontaneamente
E a alegria de ver um próximo do outro estava
Estampada na face de ambos.

Os minutos passavam depressa,
Mas ali, eu queria mesmo era
Que o tempo parasse.
A cada abraço longo, de uma saudade profunda
Que tínhamos e nos deixava mais felizes.

E mais próximos...
De abraço, em abraço
Aproximamo-nos ainda mais
Os lábios que tanto queriam ser tocados naquele dia
Conseguiam a realização desse desejo
Estava ali, acontecendo.
Aquele beijo, que se é dado em quem.
Realmente é especial.

Já estava pra ir,
Mas queria mesmo, era ficar mais um pouquinho.
Nos braços daquele que me fazia sonhar.
Como dizer a Deus? Aquela realidade tão boa
Seria um sonho?

Meu dia se acabava,
E com ele, aquela luz alegre também se findava.
Despedi-me do meu amor,
E retornei ao lar, já ao amanhecer de um dia normal!

Aquele eu!

Aline Batista Melo

Sou como uma planta
Que todos os dias necessita do calor deste ambiente,
Daquele adubo seco... Indispensável ao meu crescimento
Da água que é essencial não só pra me fortalecer,
mas pra não deixar,
Que minhas folhas se percam na ventania escura.

Sou como um sorriso
Que carece de limpeza...
Para ser forte a cada mordida dura da vida
Que conta sempre com um brilho
Para dar vida aos olhos tristes daquele olhar que me vê

Sou como a natureza, única.
Que precisa ser vista, com os olhos do amor,
Cuidada todos os dias... E assim você me manterá viva!
Senão, um dia sentirás intensamente no seu coração,
A razão da minha existência.

Sou aquela águia que embeleza o céu
Que voa em sintonia com suas semelhantes
Para deixar o céu ainda mais azul.
Que não entende o que se passa no solo
Mais que continua voando

Sou aquele mendigo que vimos na rua
Que esta ali, triste, com um olhar carente.
Carência não só financeira

Mas daquele carinho momentâneo, de uma ajuda.
De ser visto. E que pena que você passou...
E não quis nem me olhar... E eu lá, buscando seu olhar.
Necessitava tanto que você me visse, mas, entendo... é a
VIDA

Sou aquele medo
Aquele tristeza, que lá, bem lá, escondida no meu
inconsciente.
Faz-me sentir aquela fobia, que nem eu sei explicar.
E tudo por culpa, culpa daquela lembrança, que fugiu de
mim.
Sem saber que no futuro eu precisaria dela.

Sou aquela que estou ali
Mesmo quando ninguém, absolutamente ninguém me vê.
Mesmo quando eu não consigo explicar a minha presença
Estou ali, estou ali! Mas acho que só Deus me vê

Enfim, sou mais um daqueles EUS do planeta.
Que às vezes, emocionalmente se perdem em outro eu.
E quando tudo dá errado, volta mais forte.
Para seu único EU.

Sou tudo, sou nada.
O que fui e o que um dia serei
O que penso e o que pensam de mim.
O que imagino em pensamento, sonhos e atitudes.
O que semeio hoje para colher,
Naquele dia em que talvez eu já não seja mais a mesma!

O sentido da vida

Aline Batista de Melo

A vida,
Para cada um
Em cada olhar
Uma significação
Diferente

Nela há dias...
Cheios de flores, borboletas, arco-íris.
Noutros... trovões, tempestades, furacões.

Dias doces que nos mostram o sabor da felicidade
E também dias que nos mostram o quanto somos fortes,
E o quanto precisamos ser ainda mais para ingerir o sabor
amargo
Da sobrevivência humana!

Os dias passam...
E com eles as pessoas entendem
Ainda mais a semântica da palavra viver

O tempo acarreta em muitos o amadurecimento
O conhecimento, sobre o que é de fato a existência.
E nesse descobrimento se apegam ainda mais nessa
Dádiva que é a vida

Muitos vivem com garra
Consideram-se guerreiros antes mesmo de nascer
Entre milhares de espermatozoides que lutavam

incansavelmente
Para ser fecundado, apenas um consegue! E esse...
Vive assim, a vitória de viver.

Outros se perdem no caminho da vida
Vivem só por viver,
Sem nem um pouco
Entender!

Embora, a vida consista,
Em caminhos escuros e temidos!
O essencial é saber que sempre haverá um caminho
Cheio de luz, alegria e sabedoria...
E isso depende apenas
De você!

Descobrimo orgulho

Aline Batista de Melo

E quando o cansaço chega
A vontade de desistir aparece
E fico presa no mar de sentimentos
Dúvidas, tristezas, angústias...
Que me fazem refém

Mas, o que fiz?
E começo refletir...
Penso, penso
E me confronto com a realidade

Afogo-me ainda mais
Na imensidão de ideias
E por um ângulo vejo
Que a correta sou eu

E por que será que a tristeza
Acompanha-me?
Ah, e esse sentimento de culpa?
E por que não esqueço?

Passado alguns instantes
Concluo: o orgulho tem me consumido
Certa... Estou eu sim!
Mas... Nem por isso
Preciso escurecer o amor que sinto

Estou cansada de ser forte!
Estou cansada dessa postura sempre coerente
Cansei desse orgulho maldito, que só
Diminui-me!

Entendo, agora que ser forte é para poucos.
Poucos conseguem esquecer seus mais sublimes
Sentimentos sem sequer doer na alma,
Por isso!

Cansei disso..
Quero viver a vida
Como ela realmente deve ser vivida
Que os bons sentimentos sejam compartilhados
E o orgulho, e demais anseios negativos extenuados.

As Águas Cristalinas de Vênus

Diego Rocha.

Tudo suspenso sobre o mar
Muitas ondas tiveram o seu ápice
A coragem de amar
De provar de seu gosto num cálice

Das divas-deusas surreais
Tu és realmente a vida
A beleza inexplicável de tudo que é vital
Já fui tua parte, minha querida

A animalidade apenas haveria
A alma humana é obra tua
A esperança deste mundo é o teu amor
Sou o que sou pelas tuas mãos

O meu sonho melódico seria cinza
Se não fosse o sentimento que te representa
Mas, tudo em teu nome é fênix
Em ti estive, em meu pensar tu és constante.

Flor do Inverno

Diego Rochac.

O ponto mais alto da poesia
O motivo de tanto mistério
Está no universo de quem sente
As estórias de um dia

A razão da escrita
Do canto pousar sobre a folha
Do pássaro tornar-se poeta
O silêncio da melodia

Que retorna mais adiante
Um círculo em volta do sol
Lua que se exhibe entre nuvens
Chuva, seu rumo, aroma de areia úmida

Quer saber?
Viaje nas ondas do visível
Sinta as vibrações de cada dígito
A chave é da imaginação, a porta está aí

Tudo isso foi vislumbrado
No primeiro fixar dos faróis
A noite era mar e céu, obscuros
Os ventos traziam granizo

A vida e seu querer inquebrável
Tudo se tomava de vestimenta soturna
Todavia, o sol nasceu do chão
E os faróis morreram na escuridão

Neste instante o inverno ficou ao fundo
Ele e seus sóis empedrados de gelo
Apenas um sorriso solar prevaleceu
A força e a permanência vital

Inacreditável o valor de tamanha potência
Inimaginável a invariável postura
O ambiente era estável e claro nas adjacências
Pois tudo era belo e luminoso no brilho solar da flor do inverno.

Justo Imprevisto Sonoro

Diego Rochac

Encontra-se âmago natural
No tom do firmamento aberto de folhas
O rastro líquido de um cometa surreal
O ar que direciona e habitam, de sabão, bolhas

Contemple a marcha das esperanças
O girar da folhagem do trevo
Roda entusiasmada de crianças
Acima das limitações de qualquer relevo

Está livre no topo do mundo
Sem estrelas nem lua, o véu puro
Cai o véu sideral sem fundo
O impalpável demoliu qualquer muro

A redenção veio
Água e ar, eles sempre estão
Vivem um no outro pelo meio
Pelos quatro cantos, em qualquer estação

Chão espelhado de velas em movimento
Velas encharcadas movem-se pela brisa
Velas inapagáveis pelo entardecer do momento
E a areia delicada de pele macia e lisa
Em alguns momentos aurora boreal
Em outros, estrela-cadente
Nada é mais apenas tão ideal
É da dezena mais dois, um presente

Ao lado, um pomar respirando na parede
Mais um pouco o concreto se desfaria em infinito
O Ar se tornaria Poseidon, que cairia na rede
Da Rainha do Mar, rompendo as dimensões do mito

Ou em Rainha do Mar, a Água se transformaria
O Ar, agora Apolo encantado, o faria flutuar
Até onde no firmamento, o sol moraria
O mar inundaria os raios de sol, e as águas seriam chamas do mar

Agora, o vento sopra nos labirintos florais
Percorre dos bosques, a imensidão
Até onde a imaginação não consegue ir mais
Há um tesouro intencional na mata em escuridão

Com suas árvores, suas folhas... em versos...
Mundos, ambientes, inúmeras histórias...
De pensamentos ativos, e sonhos dispersos
Do que acolhe, ainda poucas e tímidas glórias.

Máscara Poética

Fabício Tharlen

Névoa sutil que engole o amanhã
mas, esta nevoa que amo
eu a xingo também
Pois ela vomita mais uma manhã
Um dia grotesco e repulsivo

Está manhã, será que ninguém percebe
que algo está errado com ela?
Eu não sou como eles
e não consigo mais fingir
o sol nasce e depois se põe
eu pouco me importo
mas fico contando as horas
que irei te ver
e meus versos são agora infantis
eu nem consigo mais mentir

Sim, não, talvez
Eu não sei se é amor
Se não for, é um novo sentimento,
Ou uma miríade de sensações

O tempo passa e eu simplesmente escrevo
E a vida não vai parar para ler minhas poesias
O que eu devo fazer?

Às vezes, eu queria não ter nascido
Às vezes, eu tenho medo de morrer

Eu sou como todo mundo,
Repleto de máscaras para viver,
A minha máscara se chama poeta
Eu me escondo em minhas poesias.

Carpe diem

Fabrcio Tharlen

Se o meu novo eu
for apenas vontade de amar?
E se minha vontade de sonhar
for apenas medo de viver?

Eu n3o quero mais me preocupar
com as facetas
do “ser”, “talvez” e “por3m”

Eu, simplesmente quero
teus l3bios,
teu corpo,
sua poesia,
e, se for poss3vel, teu amor

Estrada de poesia

Fabrcio Tharlen

É fcil te amar
Quando te vejo caminhar pela minha
Estrada de poesia
Ento, caminhe devagar
Para que o amor dure

Floresta umida,
Estrada disforme,
Caminhe, sim, caminhe
Pela minha estrada de poesia,
Vá devagar
Para que tu possas admirar
A paisagem que tenho a te oferecer

Dê-me a sua mto
E vamos caminhar juntos
Pela minha, pela tua
E pela estrada de ningum.

Céu de diamantes

Fabício Tharlen

Estou andando descalço
Por um céu de diamante
Com uma máquina fotográfica em uma mão
E outra acenando livremente
Para a mulher que amo

E paro:
A observo.
Fotografo sua alma,
Fotografo o futuro que ainda não temos
Fotografo o passado que nunca tivemos
Respiro profundamente
E contigo desejo viver um presente, intensamente.

Beba da vida

Fabício Tharlen

Alguns estão preparando
Para o suave deleite da vida
E bebem do mundo
Em pequenas doses
Como aqueles que apreciam
Um bom vinho,
Sem se embriagar

Eu estou entre eles
Praticamente inerte
Que não bebe da vida com gula
Com medo de se tornar um boêmio

Eu quero beber da vida
Ao ponto de ser
Um símbolo do pecado da gula
Ver o mundo disforme
E dançar ao ritmo

Das luzes de néon
De um mundo psicodélico
Regado a dose de absinto

Falta ela e elas
E você também
Falta todo mundo
E eu não possuo ninguém
Nem eu mesmo
Sou escravo das minhas “emoções”,
Do meu “eu”, do meu “querer”
E de uma suposta “moral”

Eu sou poeta
Eu sou poesia
A vida que escreve sobre mim
E não eu que escrevo sobre a vida

E a vida escreve sobre mim
Como um poeta vidente
Com uma caneta com tinta falhando

Beleza leve

Fabrizio Tharlen

Água azul, pele branca e cabelo loiro
Beleza mergulhando dentro de beleza

Descanso suave,
Para uma beleza leve

Meus olhos necessitam

De sua beleza

Um pequeno deleite

Por alguns minutos

Esquecer das minhas obrigações

Da feiúra do mundo

Imaginar o impossível

Então, descanse de forma suave

Sua beleza leve necessita

De todo o descanso

Assim como meus olhos

Necessitam de sua aparência

Inferno

Fabrcio Tharlen

Sou filho do pai “Dúvida”
Quem tem como mãe a “Esfinge”
Percorro nu por essa realidade disforme
E Zeus zomba de mim
Como qualquer outro deus.

E ando, ando...
E vejo horror
Onde todos vêm beleza
Eu vejo tristeza
onde todos vêm alegria
E vejo inferno
como fim das minhas andanças
Um inferno que eu mesmo criei
com os meus futuros pecados.

Feio

Fabrcio Tharlen

Eu gostaria que meus olhos fossem azuis
Eu gostaria que meus olhos fossem azuis
Mas eles s3o simplesmente orbitais negros vazios
O que eu posso fazer?
Eu sou feio em todos os sentidos

Eu gostaria que minha face fosse macia
Como minhas m3os lisas
De quem n3o faz nada
Eu gostaria que minha voz fosse doce e suave,
N3o 3spera e rude,
Enfim, que fosse mais musical
O que eu posso fazer?
Eu sou feio em todos os sentidos

Eu gostaria que minhas poesias fossem gentis
Um eterno cortejo a um amor plat3nico,
Mais direto, menos sutil,

Mais tocável menos intangível

O que eu posso fazer?

Sou indecifrável

Em todos os sentidos.

Olhos cor de mel

Fabricio Tharlen

Você, provavelmente,
É filha do vento
Livre e suave como uma brisa
Sua voz me toca profundamente
Como o vento que não posso ver

Os ouros dos tolos
As pratas dos gananciosos
Os diamantes daqueles que querem
Algo belo para exhibir
Eu prefiro teus olhos cor de mel

Você é, provavelmente,
Filha do vento
Com seus passos agressivos
Que provocam uma tempestade de areia
Você pode ser vista por todos
Mesmo que não queira ser notada
Sua beleza tem esse aspecto singular

As pessoas amam as coisas belas
Que se podem apalpar e guardar
As pérolas que outrora eram poeira,
Bronzes verdes,
Marfins para enfeite...
Mas seu temperamento artístico
É limitado,
Comparado aos seus olhos cor de mel

O sol se ergue
As chuvas se manifestam
A lua e as estrelas trazem beleza ao céu noturno
Mas eu, simplesmente, quero admirar
Seus olhos cor de mel.

Você me compreende agora?
Você pertence ao domínio da arte
Aquele beleza de mitos gregos
Aquele beleza que esses mesmos gregos
Buscaram em algum tipo tolo de perfeição
Se eles tivessem visto você
Por apenas alguns segundos
Eles perceberiam que o conceito
Deles de belo estava limitado
pois, tenha certeza,
seus lábios semiabertos
já são um incentivo para deuses se apaixonarem,
quando se abrem em um sorriso completo
percebe que o cosmo
pode manifestar coisas belas como você.

Menina bonita
Pele cor de mogno
Olhos cor de mel
Você deve debruçar-se
Sobre as águas límpidas
De um mar grego
E observa seu próprio reflexo
E entenderá o que eu quero dizer
Sei, porém, que a cada palavra,
A cada verso e a cada estrofe
Que ia se formando
Sua beleza é ainda mais sublime que
Minha poesia.

Reticências na tristeza... Vírgula na paixão, Ponto final no amor.

Fabrizio Tharlen

A bíblia e a lei da natureza
Seus únicos professores
Você nunca leu nada além de sua religião
Certo e errado para você
É simples como distinguir preto do branco

*Você se sente feliz
Com sua devoção
Com seu mundo ordenado*

Eu poderia amar você
Você poderia me amar
Mas estamos em moralidades diferentes

Minha vida é um doloroso e lamentável suicídio
Sua vida é só delícias doces de supostas verdades
Eu, devoto à melancolia
Você, devota à alegria
Meu mundo
Seu mundo
Nunca nosso mundo

O sol se põe
A vida se esvai lentamente
Sou incapaz de repetir uma emoção

E você decerto também
Amei você?! Amo você?! Amarei você?!
Decerto eu não sei
Enganando a mim mesmo
Para jamais amar
Reticências na tristeza...
Vírgula na paixão,
Ponto final no amor

Visões de Kate e Bessie

Fabrcio Tharlen

O amor de Kate
É tã doce
Ela me faz esquecer
Que um dia amei Bessie
Entre paredes rachadas
Kate aparece como um fantasma da libido
Em sua pele pãlida eu vejo a morte desabrochar
Nos olhos de Kate eu vejo Bessie

Bessie, amor de dias de ontem
Enquanto eu danço com Kate
Os movimentos desenham o nome de Bessie
E a guitarra melancõlica da banda “Sem Renome”
Toca nossa mũsica

Com Kate eu fumo o ùltimo vestũgio de maconha
E nos beijamos em meio a fumaça alucinante

Bessie chorando ao fundo
Eu a chamo para dançar
E descalço sobre a grama
Rodamos em um espiral de tristeza
E caĩmos na grama
Nos beijando ao por do sol

Kate e Bessie nã se vã
Finquem por favor
O boẽmio nã sabe o que fazer

Com tanto amor
Ele o fragmenta
E divide com todas

Ame este boêmio
De amor fragmento
Diz em desespero o eremita solitário
E agora chora lágrimas de arrependimento
E forma uma poça de remorso
Lá ele vê seu rosto de vagabundo
Dar lugar às visões de Kate e Bessie

A última obra de arte

Fabrizio Tharlen

Por alguns minutos
Ele quis morrer
Como uma caneta
Na mão
Um caderno sobre a perna e nada para ser escrito
“nenhuma frase tola ou alguma emoção que nunca viveu”
Ele olha para si mesmo
E sente pena de sua tristeza
Em meio a um círculo de alegria

O porquê e o para que
De minha existência fugaz
Uma pincelada a mais em
Sua pintura melancólica
E olha para seu retrato mórbido
E chora diante de sua obra grotesca
E as lágrimas começam a desfazer sua obra de arte
O artista vê seu motivo de viver
Diluindo-se...
Raiva seguindo de desprezo
Ele engole o seu choro
Pega sua última obra de arte
E atira pela janela
E ele vê seu único motivo de ver
Despencar pela pressão
De um espaço maleável.

Poesia sincera

Fabício Tharlen

No silêncio do meu quarto
Eu fixava vertigens
Imaginando quando eu poderia tocar o amor
E quando ela me beijaria

Por que eu lhe disse aquelas palavras?
Por que lhe perguntei o que sentiu ao ouvi-las?
Por que lhe mostrei minha alma?
Eu não sei o que você realmente viu!

Minhas emoções em versos
Minha vontade de viver em algumas poesias
E toda minha arte poética
Resumi no meu não amar

Qual delas eu realmente amo?
Qual delas realmente me ama?
Qual delas beijarei?

De forma ingênua
Eu acreditei que a poesia me bastaria
Que ela sereia meu verdadeiro amor
Contudo, a poesia é meu único amor
Está é a verdade suave
Que corta minha certeza de papel:
“Amor? Eu o perdi
Sem jamais tê-lo vivido.”
O amor não é mesmo uma droga?

Um dia nublado
Um pouco de cafeína no sangue
Enquanto espero por algo que
Eu nem sei se quero
Bem, o amor não é mesmo uma droga?

Quem dera meu amor fosse
Como um pássaro na janela do meu quarto
Com uma asa quebrada
Mas, livre
Como uma bela e amarela borboleta
Sinceramente, não lamento que seja assim
Penso em platitudes
Até meu cérebro se drogar
Com reações químicas
Simplesmente, não consigo dormir
Amá-la me tira o sono;

Árvores brancas
Pensamentos flutuam por árvores brancas
Do inverno da minha alma
Até suas palavras aquecerem meu espírito

Dor

Fernanda Mayane

Como doe...

Sentir o desprezo,

Sentir o abandono

A rejeição, talvez...

Como doe...

Saber que você está perto,

E, ao mesmo tempo,

Tão distante!

Como doe...

Ver lágrimas rolarem

Molhando meu rosto

E perceber que você

Nunca esteve ao meu lado!

Como doe...

Querer abraçar você,

Beijar você,
Ouvir um conselho, talvez...
E isso não ser possível!

Como doe...
Ver que o tempo passou tão depressa
E perceber que de uma criança,
Em uma mulher me tornei,
E que ainda trago comigo, a dor
Causada por você...
PAI!!!

Floresta Negra

Flaiane Koester

Teu olhar de amanhecer
Sob o meu de entardecer
Traduzindo os dias
Em tardes de outono

Triste é quando
Os prelúdios anoitecem
E nossos olhos
Não se contornam

Poesia enluarada
Pelas folhas
Palavras dispersas,
Dissimuladas

Um sentir obscuro
Um amor rebuscado

Tempo em que seus olhos brilhavam,
Estrelas,
Relva, florestas.

Aquelas paisagens
Rústicas, distantes.
Despercebidas por coisas comuns.

Amar-te é voltar às origens
É passagem em meio
à tempestade cotidiana

Sustentando a vida
Sem pertencê-la...

Verdes Paraísos

Flaiane Koester

Teus olhos me fazem cometer
os mais deliciosos pecados
as vontades mais insanas
os desejos mais secretos...

Teus olhos miram meu passado
ao qual se enterrou
no fundo do meu coração

Os desejos
mais ardentes da alma
os prantos
mais profundos de ausência

Como o passado mais presente
olhos que escondem o mais doce
encanto juvenil
e o mais ardente amor

Perder-me em teus olhos
é tudo que desejo
Desejando estar no teu presente
como estive no teu passado

Estando em todos os momentos
acompanha-me tal qual sombra
E, é nas noites que te revelas

Olhos verdes, limpos como mar
levando-me para dentro de ti

Encontrando teus desencontros
é que me encontro em
teus desatinos,
dor que sentes
amor que transbordo

Um amor que cala dentro de mim
sobrevivendo de teus olhos
encantos especiais

Buscar soluções é pouco
se o que vejo
não tem conserto

O certo seria...

Teus olhos ficarem comigo.

Monólogo da Poesia

Flaiane Koester

Atentem ao sentimento
Não me classificando
Como bonita ou feia
boa ou ruim...

não sigo por classificações
ando por lugares
conhecidos
ou inimagináveis

quem pode perceber...
palavras juntam-se
expressando uma arte...

classificar-me ou
comparar-me a outras
seria como um roubo,

e estando acima
disto não aceito
tal ilusão.

Sinta-me dentro
De ti
E nada mais...

Decifre-me em utopias,
Aqueles que carregam
Alma emoções

Esta que escreve
Por mim,
Acha-me sublime
E você o que acha?

Meu Namorado, Meu Saramago

Flaiane Koester

Anda como meu namorado
Todo arrumado
Mas com a cara escalavrada

Fingindo não ligar
Para minha fadiga
Minha bebida...
Rosto encharcado

Eu não lembro qual mês
Que adotei você
Fingindo ser boa,
Com sorriso mau

Mal namorado, mal tratado
E mal arrumado
É assim que Você é...

Mal em tudo que faz
E isto me dá prazer

Peço-lhe uma dose,
Uma fantasia
Para aliviar meu dia
Minha noite sem fim
Transformando-nos em poesia

Meu namorado,
Oh, meu Amado
Tua dor, seu prazer
Tudo eu quero
Para me satisfazer

Meu Amor,
Meu louvor
Eu quero seu mel,
Seu fel

Seu doce e amargo
Para eu ler
Um Saramago

Já vendo você

Do meu lado...

Fingindo inocente,

Acobertando um eterno

Mal - criado...

Olhares dúbios

Janaína Netto

No obscuro do ser, sinuosas linhas de tensão.
Dissimulada essência que transparece nos gestos.
Olhar desinteressado, conflituoso, intrigante.
Distante de mim e ao mesmo tempo perto discriminante.
Por mais curioso e revoltante que me dá esse olhar
subjugante
Dele eu só queria a felicidade que do meu resplandecia,
A complacência que da minha alma esvaia.
Infelizmente dele eu só senti o descaso que o consumia.
Olhares, olhares! Olhares tão distantes...
Tão avesso a mim, a minha vida e ao meu instante.

Sanha

Janaína Netto

Sentimento perverso, mesquinho, enfadonho.
Pressuposto a razão dos acontecimentos,
toma até os mais íntimos de seus anseios
no devastar da alma, aflita, insaciável de puro nada.
Nada, esse que vem, que devora, ruboriza, maltrata e domina
até os mais canônicos de primazia
de seus ideais ou apenas de revelia.
Quem bem sabe, sentiu na carne o envolto lascivo da
devastação.
Alma pungente de consternação
evacua seus defeitos no submundo do nada,
que parece ser tudo naquele mísero instante,
Mas que subalternamente leva o ser a sua insignificância
mundana,
que é o nada, o nada que só reside em si.

Nação

Janaína Netto

O povo brasileiro não tem raça
No sangue, na pele
Tem essência na alma
Comunhão perfeita, completa
Índio, branco, negro
O mais belo aroma
Que nem todos o sentem
Constitui e a constitui
Que povo formoso e ao mesmo tempo vil...
Falta-te algo querida nação
Por que existe tanta desunião?

Há

Janaína Netto

Amor não tem limite
É intenso e sereno
Ele simplesmente existe
É a construção desordenada do imo
Que invade a alma e ilumina todos os caminhos
Seria impossível explicar os sentidos
Se tudo o que há nele não faz sentido
Simplesmente existe

Ignotos

Janaína Netto

Revele em ti: Oh! Sentido... Oh, Alma!
No invólucro da vida grita por sair.
Mas quem a te pertencer?
Se o instante do despertar é alheio à insanidade tardia das
profundezas
Dilacerante dos três reinos até então desconhecidos pelos
sensíveis.

Abafado

Janaína Netto

Perder o chão
E não sentir o ar
Estremecer o coração
E ver o tempo parar

Dentro do ser
Abrolhos e vulcões
Dentro da alma
Conflitos e emoções

Palacetes dourados
Catarse de súbitos delírios
Vontades incontestáveis
Desejos reprimidos

Tempo

Janaína Netto

Em tuas múltiplas facetas
Carrega em ti
Tuas dúvidas e tuas certezas
Pois tal qual é tua leveza
Que atravessa o sulco da estranheza

Quem aqui é alheio
Se a todos te pertence
Existem mil receios
Mas nenhum deles encaixa melhor o tempo

Capitalismo

Janaína Netto

Doce é o amargo perfeito
Dele sai o mel límpido e succulento
Que a abelha briga com seu veneno
Para evitar o máximo
Que roube o seu sustento

Percalços

Janaína Netto

Sou poeta e não sou nada.

Nada na insignificância da palavra.

Profiro termos justos e bonitos.

Mas não me cabe, na imensidão da minha culpa.

Reconhecimento... não sei.

O que aflora em mim?

O que me importa!

Se tudo se perde no abismo sem fim?

Sonhos de Amor ao luar

Josiane da Rocha Freitas

Nas noites de lua clara
a lua eu vou apreciar
sinto sua luz de leve
no meu coração tocar
E, então, sonho
nós dois
em plena luz do luar.

Imagino um belo cenário
A gente trocando palavras de amor
E a lua como a única testemunha
desse grande e eterno amor.

Sinto que é um sonho
que nunca se realizará
Enquanto eu estou sonhando
Ele está se realizando
nos braços de quem o faz sonhar.

Por isso a lua me traz
O desejo de chorar,
Pois quando eu olho para ela
é como em um mar de tristezas mergulhar.

Infância pintada a carvão

Profª Maria das Dores Oliveira

Nos cabelos de fogo
De minha infância
Acendi fogueiras
Para assar o milho
E a batata-doce.
Em espirais ardentes,
Línguas de fogo alaranjadas
Lambiam a lenha seca
E soletravam faíscas.
Nas profundezas da noite
Pipocavam estalidos de bombinhas e traques
E de quando em quando
Rasgos de luz enchiam o céu de cores que choviam sobre
nós...
Hoje
As brasas adormecidas desse tempo
Quase morto
Quase cinza
Cauterizam meu coração.

“De onde vem esse olhar tão triste”

Marya Paixão

Vejo tristeza em seu olhar
Vejo dor que se exala pelo ar
Vejo uma infância sofrida,
mas que não desistiu da vida.

Vejo crianças que ainda sonham
Mesmo tendo vivido tudo de pior
Em busca de quem as amem
Vão acreditando num futuro melhor.

Vejo uma criança que vive a chorar
Sem entender o porquê de ali estar
Menina que não pediu para nascer,
Mas um mínimo de dignidade
Ela precisa para viver.

Vejo um turbilhão de sentimentos
Que se misturam: alegrias e tristezas
sobrepujadas num só olhar.
Uma criança que se alimenta da
esperança de um dia alguém ir buscá-la.

Vejo lágrimas escorrendo pelos olhos
Daqueles que serão o futuro do país.
Vejo uma criança que implora pela
vida e pelo direito de ser feliz.

Vejam de onde vem esse olhar tão triste.

Angústia

Marya Paixão

É um andar por entre as flores
e só conseguir ver espinhos,
olhar para o arco-íris e não ver cores.
É um andar sem direção sem caminhos.

Sentimento voraz,

tamanha é a proporção causa no ser humano
uma enorme solidão.

Perfídia feita à névoa em sua obscuridade
ermo é o ambiente, assim é a ansiedade.

O tempo é sem dúvida
o maior inimigo, estagnado;
sombrio;
interminável. Tamenha é a dor
que perece comigo.

Quanto tempo hei de ver!
Minha alma padece andar por entre as noites

nessa angústia de viver.

Garimpeira

Marya paixão

Em meio a tantos, lá estava você
olhei em volta e apenas um brilho
meus olhos puderam perceber.
Por alguns instantes fiquei a lhe olhar
e naquele momento fiquei a imaginar...
Ser feliz é poder mergulhar na vida
sem ter medo de se afogar...
Bom mesmo é sermos livres para sonhar
saber que todos os dias o sol nasce e se põem
advertindo-nos para um novo recomeço.
Cada sol que vai, cada lua que brota
é mais um dia que está a se passar.
A vida é uma caixa de surpresas
na qual eu abri e encontrei minha jóia rara...lá estava você
Ao seu lado vejo surgir estrelas
que estão no meu céu a brilhar...
Uma luz capaz de irradiar a alma
ascendendo um desejo ímpeto de amar.
Amar é uma ação audaz
que permite ao ser humano
voar sem do chão os pés levantar...
Mostre-me a força desse sentimento
o poder que este tem em transformar
vidas antes tão distantes e distintas,
mas que hoje estão unidas em prol de
um lindo tesouro a garimpar.

Sem você

Marya paixão

Sem você me sinto
Como peixe fora d'água
Uma estrela abandonada
Que esconde seu brilho
Em noite enluarada.
Sem você é como se não houvesse

O brilho do sol

O cantar das aves
O colorido do arco-íris
A brisa das manhãs de inverno.

Sem você os meus olhos secam
Não podendo mais chorar
Os meus lábios travam
Não podendo mais sorrir
Meu coração congela não
Podendo mais amar.

Preso a você

Vanessa dos Santos

Estou nesse quarto
Estou nesse recinto
Estou nessa escuridão
Estou com medo

Minhas loucuras me fazem delirar
Meus pensamentos se voltam a você
Procuro você, o vejo e...
ao mesmo tempo o perco

Será que você existe
Já não sei o que fazer
Se é loucura ilusão
Chora meu coração
De saudades de você

Liberte-me dessa prisão
Tira as algemas do meu coração
Estou preso a você
Eu já não sei o que fazer

Um dia a liberdade virá
E só tempo dirá
Se meu crime é você

Das alturas

Verônica Gonçalves de Lima

Das alturas eu te olho, sim
É de lá que consigo sentir-te
Tê-lo de algum modo perto de mim
Sentir teu cheiro, teu toque, teu beijo
É das alturas que eu sinto aquele frio na barriga
Do mesmo modo que sinto quando estás comigo (ao meu lado)
É nas alturas que meu coração bate mais forte e
descompassado
É nas alturas que as melhores sensações me atingem
Porque só de lá o todo se torna nada enquanto somente as
partes me interessam

O mundo em câmera lenta

Verônica Gonçalves de Lima

Cabeça pesada
Coração descompassado
O mundo em câmera lenta
Buzinas, estilhaços, gritos,
Já não incomodam

Garotos

Verônica Gonçalves de Lima

Garotos novos me encantam
Garotos usados são chatos
Jovens garotos são crianças
Jovens maduros apodrecem rápido
Garotos imaturos se entregam
Garotos vividos se dizem amados
Amar um novo garoto jovem
é optar pelo caminho errado

Momento

Verônica Gonçalves de Lima

Num primeiro momento

eu me encanto

Depois eu me apaixono

No terceiro

acho chato

mais tarde, enjoou

no quinto

finjo que não existe

Próximo ao sexto

Eu esqueço

No sétimo

O amor aparece,

e eu?

Ah! eu fujo

e volto ao primeiro tormento, OPS! Digo momento.

Ele

Verônica Gonçalves de Lima

Não é nóia
Foi confirmado
ele é desprezado
repudiado
Que indignação
Não há consideração
os outros são citados
ele é enganado
Participa, está junto
Mas os olhos não o vêem
Os outros são apontados
Mas ele? Ele, ah, ele!
Afinal, quem é ele?

Sentimento Pertinente FM

Welber Rocha Regis

É tão lindo... Estarmos juntos
É tão lindo... Esse amor profundo

Eu não quero saber de mais nada
Nem ligo mais para o futuro
Muito menos olhar para o passado
Não me preocupa mais o presente
Porque sei que você estará até o anoitecer
E continuará no amanhecer

O certo e o errado
A luz e a escuridão
A terra e o mar
Eu e você
Tudo é oposto, mas se completa de algum jeito

É tão lindo... Estarmos juntos
É tão lindo... Esse amor profundo.

Sentimento Pertinente FM II

Welber Rocha Regis

É tão lindo... Ver o sol nascer
É tão lindo... Sentir o vento bater
É tão lindo ... Assistir o amanhecer
É tão lindo... As coisas simples acontecer

Tu és... Minha fonte de inspiração
Tu és... Minha admiração
Tu és... Minha perdição
Tu és... Minha grande paixão

Adoro as nossas tardes
Quando é que vou te ver?
Não há relicário que a guarde
E me entristeço ao fim do entardecer

É tão lindo... Ver o sol nascer
É tão lindo... Sentir o vento bater
É tão lindo... Assistir o amanhecer
É tão lindo... As coisas simples acontecerem...

POESIAS
CRÔNICAS
CONTOS

O Acaso

Adriana Gonzaga

Faz tanto tempo, mais ou menos dezoito anos, mas me lembro como se fosse agora: estava sentado em uma calçada a observar e admirar mais um dia chegando ao fim. O crepúsculo a desejar a noite. Sentado fiquei impactado com a grande beleza que existe em pequenos detalhes.

De repente, percebo que não estou apenas a ver, mas a enxergar o espaço que minha visão alcança. Nesse instante entro em êxtase, meus olhos percorrem belezas que resplandecem. Vejo o claro dia escurecer, vejo o entardecer de uma forma nunca vista antes, ouço pássaro a cantar, vejo nuvens formando montanhas e carneirinhos. Percebo que delas estou bem distante. Vejo as folhas das árvores balançando vagarosamente e sinto a leve brisa que toca em minha face.

A noite se pronuncia bem de mansinho, cada vez mais se aproximam as luzes dos postes, um aqui outro ali, estão se acendendo, os sinais anunciam que em poucas horas o silêncio falará mais alto.

Neste momento, dezoito horas e vinte e cinco minutos marca o relógio, dez de janeiro de noventa e quatro, percebo que aquela tarde não era apenas mais uma tarde, **mas a tarde**, porque todo dia é único com sua beleza peculiar. Basta se despir do supérfluo e deixar aflorar o essencial para

descobrir que o segredo da felicidade esta mais próxima do que muitos imaginam.

Hoje, sei que a alegria é irmã da simplicidade, a beleza e o mistério do universo não é privilégio apenas dos astronautas.

Alameda

Ananias Araújo

Hoje me deparei pensando sobre a rua em plena rua, analisando o vento leve e egoísta que ia, mas que não vinha. Uma rua estreita estampando moda, tendo como companheira apenas um som de um apito que de algum beco saíra.

Continuei a andar e me deparei com um farol forte que piscava incessantemente em um ritmo compassado, era a luz que articula as vidas de muitos zumbis que pairam sobre a terra. Senti uma tristeza profunda a me ver vivendo, estampando, sonhando querendo ser e sendo uma rua deserta, que de dia é povoada por sonho de muitos, à noite, quando a luz cai, se vê talvez sozinha, sem brilho, sem curvas derramando esgoto.

A cada passo dado, uma verdade. A cada olhar, um mundo. A cada suspiro... uma vontade incessante de morrer!

O Além Telefona

Cristiane Negrão
e Isaiane Samara

- Alô!
- Oi. Hilda?
- Quem tá falando?
- Somos nós.
- Quem tá falando moço?
- Nizinha (avó de Isaiane), Tio Matias (tio de Cristiane), Carlinhos (Lopinha o Ecológico), Bibi (a cadela de estimação de Hilda), S. Daniel (o vizinho centenário), Vando (o homem valente dono do boteco ao lado) e Curupaco (o papagaio).

Bom, para que você entenda, vamos explicar melhor:

Na casa do Sr. Ajuricaba, mais conhecido como S. Juri (pai de Cristiane), na Praça Emídio Balbino nº 62, Centro Barreiras – BA mora uma senhora chamada Hilda apelidada como Bi ou Hildinha.

Imagine: Ela é uma senhora solteirona, alta, meio desorientada, os cabelos ela muda de cor frequentemente, tem uma verruga na ponta do nariz, barulhenta, tem a barriga dura e avantajada, não gosta de usar calcinhas e etc.

Possui alma de criança que acredita mais do que não vê do que no que vê, não é à toa que ela mantém um relacionamento imaginário com um homem que só existe na idéia dela chamado Zé Bilau. Ela se comunica com ele através de um celular adquirido com recursos próprios. Desse objeto ela cuida com tanta estima na esperança de receber uma ligação de Zé Bilau, que ela não o larga nem para tomar banho, muito menos para dormir.

Numa certa madrugada de domingo, duas moradoras da rua que estavam com insônia e sem terem mais o que conversar, resolveram fazer um telefonema. Imagine para quem? Para ela mesma: a Hilda.

Tuuuu...Tuuuu....Tuuuu. O telefone chamou.

- Alô! E antes mesmo de ouvir já foi logo perguntando:
 - Quem está falando?
 - Sou eu mamãe, quero ração. Disse Bibizinha (a cadela de estimação).
 - Mulher como é que você tá me ligando se eu te coloquei numa caixa de papelão e te enterrei na beira do rio hoje cedo?
- E Bibizinha disse numa voz suave em meio a latidos finos:

- Au, au, au; sou eu mesmo Bi, aqui tá tão frio e eu estou com fome.
- Bibi? Tu... tu... tu...

A ligação caiu.

No outro dia, ela acordou agoniada que nem conseguia realizar os serviços da casa. Olhando para ela podia-se ver os olhos parecendo duas bolas de gude brilhantes. Ela contava sobre a ligação para todos que chegavam certa de que a cadelinha tinha realmente ligado do além com fome e com frio.

E assim todos os conhecidos da família que morre (Nizinha falecida em setembro de 2009, Tio Matias partiu em setembro de 2009, Vando foi para a terra dos pés juntos em fevereiro de 2010, S. Daniel bateu as botas em janeiro de 2011, Bibizinha deu seu último latido em dezembro de 2010 e Curupaco suspirou pela última vez em março de 2011) fazem ligações na madrugada para mandar recados para os parentes e amigos através de Hildinha.

E aqui vai uma dica: Quando chegar a sua hora não espere seu corpo esfriar, ligue no número 77 8110 0202 e mantenha contato com seus amigos e familiares e tenha a garantia de que seus dados serão mantidos no mais absoluto sigilo.

O engano

Daiana Lima da Silva

Recordo de um fato contado pela minha prima, no qual um rapaz de grandes posses, filho único, que morava numa pequena cidade do interior da Bahia, ao concluir o 2º grau fora fazer um cursinho pré-vestibular em Salvador. O sonho da família era torná-lo doutor.

O jovem muito compenetrado, após o convívio com os colegas na capital, tentou incrementar seu vocabulário com termos rebuscados, pois se sentia um verdadeiro intelectual, e essa era uma forma de chamar atenção dos outros colegas.

Como era comum, em períodos de férias, ele vinha com os colegas passear em sua cidade natal. Porém, nessa época aconteceu uma grande enchente jamais vista pelos moradores, interrompendo o acesso pelas estradas, restando como alternativa o transporte fluvial.

O estudante, ao chegar a uma cidade vizinha conhecida por Morpará, resolve enviar um telegrama a sua mãe, pois era o único meio de comunicação no momento. O telegrama dizia o seguinte:

“Mãe, morro hoje. Desço embalsamado.

Saudades eternas do seu filho.”

A pobre mãe, ao ler o telegrama entrou em desespero, pois acabara de perder seu único filho. A notícia correu

rapidamente pela pequena cidade, a casa foi invadida pelos amigos e familiares para prestarem a solidariedade naquele momento de dor.

O abalo foi enorme. A mãe desmaiava seguidamente. O pai resolve tomar as devidas providências para buscar o corpo. Nesse intervalo de tempo, o filho já estava a caminho de casa numa balsa que é feita por troncos de madeira e amarrados por corda.

Devido ao grande volume de águas a viagem era rápida e o rapaz estava chegando a sua cidade natal. Para a surpresa de todas as pessoas começaram a escutar estouros de foguetes que vinha na direção do rio. Os curiosos correram para o cais da cidade para saber o que estava acontecendo.

Imaginem que no meio do rio, havia uma balsa com alguns jovens e entre eles estava o dito “defunto”.

Trataram logo de levar a notícia à família. Os pais mal acreditavam no que estava acontecendo. O filho ao chegar a casa e vendo aquela aglomeração, cheio de orgulho, estufou o peito e disse:

- Calma! Calma! , não mereço tamanha recepção. Ainda não passei no vestibular para doutor.

Em seguida, os pais pediram explicação e disseram que não gostaram da brincadeira sem graça.

A mãe mostrou-lhe o telegrama e o filho falou:

- Vou fazer a tradução deste telegrama, pois hoje sou estudante da capital e procuro usar palavras diferentes.

Assim traduziu o bilhete:

Morro é a cidade onde eu estava, desço embalsamando é o transporte que usei para chegar até aqui.

E a mãe perguntou:

- E as saudades eternas?

Ele respondeu:

- É porque eu vou te amar para sempre! Mesmo depois de morto.

O assalto

Joseane Cavalcante
e Lecilda Oliveira

Finalzinho de tarde, já anoitecia estava em casa sem nada fazer. De súbito, lembrei-me que tinha combinado com minha amiga fazer compras na Sacola Cheia, imediatamente me arrumei e sai. Encontrei minha amiga e descemos a rua tranquilamente, quando, de repente, escutamos uns gritos. Parecia chamar meu nome. Parei, fiquei até um pouco assustada, mas vi que era uma amiga, daquelas sabe, que não gostam de chamar atenção. Paramos na esquina, bem distraídas, esperando a bendita. Neste momento, do nada aparece um sujeito que não se sabe de onde veio e fala baianamente:

- Passe o celular!

Minha amiga, coitada! Não teve reação nenhuma. Eu, continuei estática, mas não foi por pânico não, porque o sujeito falava com tanta naturalidade, que ao mesmo tempo pensamos a mesma coisa. Piadinha sem graça! Até essa hora, não tinha olhado no rosto dele direito. Desconfiei, o rapaz estava muito sério para ser uma piadinha sem graça. Só ai, meu Deus! Entrei em pânico comecei a gritar. Agora era minha vez de fazer o escândalo.

O sujeito, diante do vexame ficou muito eufórico e assustado, sem saber o que fazer. De forma até mesmo engraçada, começou a me chamar de louca e saiu correndo. Do outro

lado da rua, um rapaz que vinha percebe o vexame, aproxima e pergunta: O que houve? Nós, que mal conseguimos respirar, contamos a suposta piada! Ele sorriu e acrescentou, graças à loucura da sua amiga você não ficou sem o celular.

Prazeres da gestação

Júnia Alcântara

Nós vamos ter um bebê. E até aquele dia eu não tinha nenhum sintoma típico de que todas as grávidas se queixam: enjoos, cansaço, constipação, sonolência, flatulência, fome em excesso, desejos, câimbras, falta de ânimo para certas coisas, o que deixa o marido irritado... nada disso. Enquanto era só suspeita, meu corpo se comportava naturalmente. Foi quando ele ouviu a ginecologista dizer “Parabéns, você vai ser mãe!” que resolveu me tirar do sério. Sério...

Todos os dias sempre acordo de bom humor, faço tudo, tomo café, normalmente. Mas não agora. E tudo começou “naquele” dia. Levantei-me, fui ao banheiro, tranquilamente, rotineiramente, monotonamente. Quando fui escovar os dentes o mundo girou ao meu redor. Minha respiração acelerou. Meus batimentos cardíacos aumentaram. Achei que eu ia morrer.

Voltei para o quarto e sentei-me na beira da cama. “Amor, estou passando mal.” Ele levantou ainda com cara de sono. “Quê?”. “To passando mal...” Ele veio para perto de mim, preocupado, carinhoso, passando a mão no meu braço para me acalmar. Eu retribuí com um “Não encosta em mim, não!” e o afastei com a mão.

Saí correndo para o banheiro e me segurei na pia. Ele veio atrás de mim com uma cara de “Meu Deus, o que eu faço”,

tentando me segurar. “Me solta!” O mundo ficou escuro. “Me segura!” comecei a suar por todos os poros. “Me larga!” O mundo girou de novo. “Ajude-me, acho que vou desmaiar...”

Depois que o que eu ainda não tinha comido saiu de mim, minha cor voltou e eu voltei à razão. No outro dia, tomando café: “Amor, acho que minha pressão está baixa, estou me sentindo meio fria...”, “Tá nada, você está ótima, superquente.” Cinco segundo depois... “É, meu bem, deita ali no sofá...” Foi à última coisa que eu consegui ouvir.

E tem gente que passa por isso os nove meses inteiros. E ainda tem gente que fica com pena dele. “Ta enjoando também, que gracinha...” E eu? Eu ainda caio em... outra dessas...

Fim. Ou início...

Cidade Cinza

Hévila Scheidegge

Morava num bairro do subúrbio, ali perto da estação ferroviária, sua casa era cinza, a cidade cinza, os rostos-cinza. Ganhava mal, trabalhava muito. Pegava duas conduções para o trabalho. Acordava todos os dias às 5 horas da manhã, metrô lotado, ônibus lotado, lotado de pessoas vazias, tão próximas a ponto de causar uma espécie de desconforto físico, mas ao mesmo tempo, tão distantes.

O olhar mirava ao longe o céu cinza e seus arranha-céus. A imaginação voava por cima daquelas cabeças de ovelhas, rebanhos intermináveis entravam pelas portas do terminal, que engolia seus semelhantes como uma grande boca de monstro, engolia, para logo em seguida vomitá-los cansados e “meio-mortos”.

Esse turbilhão de pensamentos veio assim do nada, parara e se dera conta de que refletira sobre toda a sua existência, que ia sendo jogada aos poucos pela janela sem se dar conta, sem parar para aproveitá-la.

E... 23 de agosto de 1991. Naquele dia cinza, acordara às cinco horas da manhã e resolvera tomar um caminho diferente. Saíra de casa com a roupa do corpo. Trancou a porta, na mente mil coisas, no bolso alguns trocados.

Naquele dia resolvera tomar o caminho para a liberdade.

A inocência de uma flor

Kele Mayele Silva da Cruz

Aquele dia começou muito estranho, o tempo estava nublado parecia anunciar uma chuva que não vinha, e tempo continuava com aquele aspecto triste, os pássaros que nos alegrava com seus cantos, já não cantavam mais, as plantas perderam a alegria de suas cores, as flores já não exalavam aquele cheiro inebriante que tanto nos transmite calma e sossego, os animais estavam estáticos, tudo evidenciava uma melancolia total, características contrárias a uma vida campestre.

Morávamos em uma fazenda. Nesse dia acordei cedo, abri a janela esperando ser banhada pela luz radiante do sol, no entanto, sofri uma grande decepção ao deparar com um dia cinza, sem graça. Ainda assim, não perdi as esperanças de uma mudança repentina, em que tudo voltaria ser como antes.

As horas passaram, até que chegou à hora de ir para a escola. Então, eu e meu irmão nos preparamos para seguir viagem, já que a escola ficava a alguns quilômetros de distância. Nosso tio era o nosso motorista particular, porém o transporte não era um carro, tão pouco uma moto, era uma bicicleta toda desajeitada com uma garupa pequena, em que nós dois tentávamos nos acomodar.

Depois de acomodados, meu tio nos levava tranquilamente caminho a fora. No decorrer do trajeto, em meio toda aquela

paisagem ainda sombria, destacava-se uma bela flor, vermelha cor de carmim, uma típica flor do cerrado, que com abraço do vento tornava-se ainda mais bela no seu balançar.

Como não podia passar despercebido, meu irmão a viu e admirado com tamanha beleza quis compartilhar comigo aquele momento de contemplação. Estávamos os dois a admirar a linda flor e só paramos de fitá-la quando no pedalar da bicicleta a flor ficou para trás. No entanto, meu irmão tentou observá-la mais uma vez e, em um momento de distração e descuido, prendeu a perna na roda da bicicleta.

Nesse instante nós três caímos, no impulso levantei rapidamente para socorrer meu irmão, quando o avistei ainda estava ligado a bicicleta com o pé preso. O membro sangrava, o líquido sanguinolento escorria como uma cachoeira, o vermelho do sangue lembrava-me o vermelho da flor, então comecei a culpá-la como se ela fosse a causadora de todo aquele acidente. Tudo fruto da ingenuidade infantil.

Olhei para meu irmão: em seu rosto, sua expressão demonstrava dor e num momento de desespero, chorei como se a dor estivesse em meu corpo. No auge de minha inocência e o medo constante da perda, acreditei que meu irmão fosse morrer ali mesmo, tendo eu e meu tio como passivos espectadores.

A inocência fez com que eu acreditasse que tal ferimento, que na realidade não era tão grave, fosse levá-lo à morte. Hoje, percebo que quando criança nutrimos os melhores sentimentos e valorizamos ainda mais esse bem que é, e sempre será essencial em nossas vidas: a família.

Noite de sexta-feira treze

Marya Paixão

Era para ser mais um dia comum como todos os outros, mas não, era sexta-feira treze. A noite estava nebulosa e fria. Tipicamente como em cenas de filme de terror. Cercada de misticismo, lendas ou rituais, a sexta- feira treze sempre foi e ainda continua sendo alvo de muitos mistérios. Seria mesmo a noite de azar ou tragédias? Para alguns pode até ser, o que não impossibilita que coisas surpreendentemente boas venham ocorrer nesse dia.

De repente, o telefone toca e, inesperadamente, surge um convite para sair. Ainda com o tempo chuvoso, ela aceita o convite e começa a se arrumar, mesmo não sabendo ao certo aonde vai. Capricha no visual, pois aquele não era apenas um passeio qualquer, havia muita coisa em jogo e a moça estava disposta a tudo, pois há bastante tempo esperava por esse dia. Um carro preto com vidros fechados chega para apanhá-la e eles saem sem destino pelas ruas, que por sua vez estão quase vazias, o casal fica por algum tempo a procurar, talvez, um lugar especial, pois visitam diversos bares e restaurantes e nada está condizente com a ocasião.

Após muito tempo à procura de um ambiente satisfatório, a moça sugere um lugar, o rapaz aceita e eles partem para lá. Chegando ao local ambos descem do carro e se assustam com presença de um gato preto na porta da pizzaria. Ui!! Gritou a jovem.

A presença daquele gato não intimidou o jovem casal, assim eles ignoram toda e qualquer superstição e entram no local. Por um acaso do destino, estavam eles no mesmo lugar onde se conheceram há bastante tempo. Seria esse o ambiente mais apropriado para um reencontro entre duas pessoas que se perderam em meio aos desencontros da vida. Aquele era o casal certo, mas se encontraram num momento inoportuno, no qual a vida de ambos estava passando por momentos turbulentos, porém o destino estava lhes dando uma nova chance de reviver uma história de amor interrompida no passado. As horas passavam e eles continuam a conversar, sem se preocuparem com o mundo que existe lá fora ou mesmo que existem outras pessoas além deles.

O que para muitos é sinal de azar, como ver um gato preto em noite de sexta-feira treze, não interferiu em absolutamente nada na vida do jovem casal. Pelo contrário, foi exatamente naquela noite que eles se reencontraram. Após muitos e muitos anos sem se verem, quis o acaso ou destino que o reencontro ocorresse naquele dia em meio a situações nebulosas cheia de suspense no ar. E o suspense continua, pois ainda não se sabe ao certo o que aconteceu depois daquele longo período de conversa nem que rumo tomou essa história.

“O último adeus”

Marya Paixão

Já faz bastante tempo, mas aquele 16 de maio de 1994 jamais será esquecido. Ainda me pego tentando resgatar na minha memória, traços, momentos, algo que me faça recordar da minha infância. Tento reconstruir, através de fatos relatados por minha mãe e outros familiares, ocasiões que vivera ao lado de uma figura heróica para qualquer criança: meu pai.

Sempre ouvi dizer que eu tinha uma ótima relação com ele, mas apenas ouço, sem conseguir restaurar uma imagem nos meus sonhos que reforce essa afirmação. São apenas lembranças imaginárias ou que estão guardadas no inconsciente, uma vez que são apenas recordações de momentos vividos quando ainda era uma criança muito pequena.

É um sentimento indescritível, pois, ao mesmo tempo em que sinto um vazio, uma lacuna em meu peito, não consigo definir ao certo do que sinto falta, uma vez que só é possível sentir carência, saudade ou nostalgia daquilo que vivemos, excepcionalmente dos momentos felizes que passamos, mas com o passar dos tempos vão se perdendo.

Somente uma cena o tempo não conseguiu apagar, talvez por ser a mais intensa, nem sei se realmente me lembro ou se fantasiei a partir das informações que ouvira ao longo dos anos. O fato é que precisava de algo que legitimasse aquela situação trágica, quiçá tenha sido isso mesmo que aconteceu.

Ainda era uma criança, mas conseguia perceber que algo não ia muito bem. Os ânimos sempre alterados, quase nunca ninguém sorria, era como se a alegria da família estivesse definhando juntamente com a doença. É inaceitável ver que ele chega de mansinho, em silêncio sem dar um menor sinal e, de repente, faz um estrago tão profundo. É inacreditável, mas o câncer consegue fazer tudo isso em tão pouco tempo! Foram dias difíceis de muita dor e angústia; nada podia ser feito, pois o destino já estava traçado. Era hora de partir, mas apesar de ser uma certeza, por sinal a única que temos nessa vida, nunca estamos preparados para enfrentar esse desafio que a vida nos impõe. Por mais que a razão saiba que a morte é um momento de transição pelo qual todo ser tem de passar, a subjetividade custa aceitar a distância, a perda e, principalmente, a saudade.

Eis que chega o triste dia, a família e amigos ali reunidos numa sala, todos em volta de um corpo inerte que já não exalava mais vida, não podendo corresponder às demonstrações de carinho dos que ali estavam em sua homenagem. A tarde estava sombria, as nuvens encobriam o brilho do sol deixando assim uma tarde cinzenta. Passarinhos no céu começaram a cantar como se soubessem o que acontecia e por meio de sua música estavam ali para nos acalmar.

Parece até sadismo o fato de pessoas ficarem inúmeras horas a olhar um corpo preso por tábuas de madeira e imaginar que dali nunca mais sairá. No entanto, são os últimos momentos para estar como a pessoa amada. Hoje, fico a pensar o que estaria passando na cabeça de uma criança tão pequena e inocente vivenciando essa situação. Estaria ela consciente de que jamais iria vê-lo, estaria em seus braços ou mesmo tocá-lo? É impossível descrever um sentimento de tamanha profundidade, mas a reação foi de alguém consciente que não sabia ao certo o porquê, porém foi capaz de expressar nitidamente o desespero do último adeus.

O Susto

Ranyele Oliveira de Sousa

Alguns anos atrás, eu e minha irmã mais nova estávamos em casa. Era hora do almoço e como eu já tinha arrumado a casa, resolvi sair para plastificar um documento numa papelaria próxima. Deixei minha irmã se arrumando para ir à escola. Um dia da semana comum.

Voltando pra casa, havia muitas crianças na rua indo para escola e percebi que estavam apontando pra mim e dizendo – “olha a irmã dela”, fiquei sem entender e pensando se era mesmo pra mim. Nestes segundos de muitos pensamentos, dois garotos falaram para mim, sua irmã acabou de ser atropelada. Perguntei: - Quem? Não acreditando, e logo corri desesperada ao local. Milhões de coisas passaram em minha cabeça e quando cheguei perto havia muitas pessoas na rua, ao redor do acidente, e me olhavam com dó.

Foram então, abrindo caminho, avistei no chão minha irmã com sangue em todo corpo e trêmula. Naquele momento só pensei na minha mãe, se ela tivesse ali desmaiaria, pois tem pavor a sangue. Agachei peguei na mão dela e ela me disse – “Não me deixe morrer”. Por eu ser mais velha, minha irmã é uma responsabilidade, e meu apego, ela me deixou sem reação e palavras. Passei mal, mais não queria sair dali e a acompanhei até o hospital.

Foi um imenso susto. E o que parecia um dia comum, um bêbado no volante transformou em uma grande tragédia.

Papai Noel existe

Ranyele Oliveira de Sousa

Há natais inesquecíveis em nossa vida. Lembro-me de dois da minha infância. Há alguns anos atrás eu tinha uns oito anos e minha irmã uns dois anos de idade morávamos em uma pequena casa de alvenaria dividida em três cômodos; cozinha, banheiro e sala e quarto eram integrados. Minha mãe gostava de detalhes que davam vida e cor a nossa humilde casa, e mesmo em tempos tristes era montada a árvore de natal.

Todo ano as árvores eram diferentes, minha mãe tinha uma criatividade ímpar. Geralmente ela colhia galhos secos do cerrado e cobria de algodão e enchia de enfeites. Os cartões que recebíamos e que eu fazia na escola, também eram usados para enfeitar a árvore.

Naquele tempo eu acreditava em Papai Noel e ainda acredito, ele vive em nós nesta data tão linda e passamos isso a nossos filhos. Perguntava ao meu pai por onde o Papai Noel entraria para deixar o meu presente já que não tínhamos chaminé, e ele respondia que pelas frestas da parede. Ficava eu imaginando se Papai Noel era mágico! Como ele tão gordo entraria pelo pequeno buraco?

Chegou o dia de Natal e não me lembro como foi o dia, mas de um pequeno fato que jamais saíra de minha lembrança. Meu pai pediu para que eu procurasse pela casa a chupeta da minha irmã, os móveis eram grudadinhos uns nos outros

e árvore escondidinha no cantinho da sala entre o sofá e a beliche, via metade dela, então continuei procurando a chupeta e quando olhei debaixo do sofá vi presentes no pé da árvore e, feliz pensei, o Papai Noel conseguiu entrar em nossa casa.

Chuva

Vanessa Pereira dos Santos

Estava em casa observando os noticiários na TV, e escutando tudo aquilo acontecer em minha volta, parecia que o mundo estava se acabando, sirenes de ambulância, pessoas passando mal, sirenes de bombeiro para conter o fogo que se espalhava na serra, causado por pessoas inconscientes que não sabem preservar o meio ambiente e principalmente a saúde de todos que acabam sofrendo com esse episódio trágico e triste.

Sai de casa, quando menos esperava o vento tentava levantar minha saia, segurava firme... (risos), Junto de toda aquela ventania muita poeira, que embaçava minha visão, meus cabelos soltos ao vento, sentia uma sensação de pura liberdade, vontade de voar. Olhava para céu podia ver ele realmente nublado, em meio à poluição, iria chover, fiquei muito feliz, cada passo que andava pingos.

Adentrei ligeiramente em minha casa, começou a chover, nossa que felicidade! Chovia muito forte, do quintal acompanhava de perto aquela chuva tão esperada, meus pensamentos agradeciam a Deus. Ao anoitecer ela se foi, o clima já não era o mesmo tudo tinha mudado friozinho bom, chuviscos que são melodia aos meus ouvidos e junto aquele vento de liberdade.

Situação embaraçosa na infância

Verônica Mello

Não me lembro exatamente da data desse acontecido, mais sei que eu tinha mais ou menos uns nove anos. Eram férias de final de ano minha mãe decide ir para a casa de minha avó no interior de Goiás, levando minhas irmãs e eu, após três dias lá, minha tia decide levar a filha dela, uma de minhas irmãs e eu, a um parquinho que estava em uma cidadezinha perto dali.

Ao chegar lá me deparei com um espaço quase que vazio no tal parquinho só havia dois brinquedos, um deles era um banquinho em formato de patinho da cor azul e o outro era uma canoa de madeira que ficava suspensa no ar, na canoa cabiam apenas duas pessoas uma de cada lado. As pessoas que fossem nesse brinquedo teriam que puxar uma corda, assim, lá no alto faria movimentos de uma gangorra, então quanto mais forte puxasse a corda mais alta o brinquedo iria.

Naquele momento a canoa era a melhor opção, mas só cabiam apenas duas crianças, minha tia então decide que pelo fato de minha irmã ser mais nova ela iria ao banquinho de patinho, minha prima e eu iríamos à canoa, diante dessa situação começamos a rir da cara de minha irmã, pois ela era muito grande para o brinquedo, ao sentar-se o brinquedo começou a se movimentar em círculos e os pés dela rasteavam-se no chão.

Enfim é chegada a minha vez e da minha prima entrar na canoa, ao chegar lá em cima parecia que quanto mais nos

riamos mais alto o brinquedo ia. Infelizmente a minha graça acabou logo, logo, pois aquele movimento do brinquedo me fez ficar enjoada, por um momento não soube o que fazer, se eu vomitasse dentro do brinquedo iria sujar a minha prima que estava logo na minha frente, se eu colocasse a cabeça para fora sujaria o dono do parque que estava logo abaixo, então o que fazer diante desta situação?!

Sanatório

Verônica Gonçalves de Lima

Tudo começou quando Jane, minha prima, tinha 18 anos. Em um dia nostálgico, com um silêncio sepulcral, lâmpadas a meia luz, névoa e neblina por todos os lados, Jane foi internada em um sanatório. Seus pais, como não sabiam mais o que fazer a largaram naquele lugar sujo triste e sombrio. Jane, logo no primeiro dia, Foi submetida a uma bateria de exames, retiraram quase meio litro de seu sangue, não se sabe se por necessidade ou se por pura maldade, o que todos sabiam é que o fim de Jane estava próximo.

No dia 07 de 1969, Garrasta, seu conselheiro, foi visitá-la. Jane, mesmo alucinada e dopada reconheceu aquele rosto inconfundível, os dois ficaram confinados naquele quarto podre por duas horas, já que não poderiam passar disso, pois ela deveria fazer uma nova bateria de exames. Confesso que pensei que ela não mais voltaria. Sua doença era grave, era terminal, contagiante, seu cancro era incurável.

Anos se passaram menos a doença de Jane. No ano de 1980 ela foge do sanatório. Ela não agüentava ficar rodeada de alienados. Foi pega escondida em um porão em 1985; novamente no hospício, pronta para mais uma bateria de exames, Jane resolveu falar – Eu sou Jane O’Donell, membro da união Nacional do Estudante, luto e não sedo às torturas

e não delatarei meus companheiros. Morreu feliz em 1988, quando o Brasil ganhou uma Constituição, e ela um enterro em meio aos escombros, sem direito a caixão.

POESIAS
CRÔNICAS
CONTOS

Depois de todas as mentiras ditas só nos restam verdades

Andréa de Castro Duarte Moura

Depois de todas as mentiras ditas só nos restam verdades. É por isso, que venho por meio desta confessar tudo que fiz. Não sobraram desculpas e invenções. Ensaiei algumas para colorir as palavras, mas elas não permitiram serem maculadas.

As frases dançam na minha mente e eu as sigo sem resistência, conformada com a sentença que irão impor. Meu inconsciente manipulou todas as linhas do meu corpo e aceitei tudo conscientemente.

Era novembro de um certo outono antecipado, e observava as folhas do caderno dele dançando com as teorias de Foucault. Achei bonito vê-las caindo do único prédio da minha cidade. O Sol refletia os vocábulos e os fonemas se misturavam com os falantes que transitavam nas ruas, distraídos sobre o que era viver.

Escondi tudo o que fiz nos meus olhos sonsos e sorria para aqueles que nada sabiam, cantava para aqueles que nada sabiam, beijava aquele que nada sabia. Foi a época em que eu mais me exibi. Exibia-me nos vestidos de algodão, exibia-me nos portões da faculdade, nas janelas do teatro, sempre com um livro na mão, que isto fique bem claro.

Fiz tudo de caso pensado, numa trama que envolvia ele e mais alguns figurões. Eu sabia que pecava, por isso tenho tantos

cortes no braço. Para cada fato, um corte. Da última vez que contei somava vinte e três. Não peço piedade para amenizar o veredito, não sou vítima e se quisesse me esconder o faria pelos meus olhos, que de tão límpidos chegam a me emocionar. Juro, que se fico muito tempo encarando-os, creio-me santa.

E é disso que eu estou fugindo. Cansei de acreditar em minhas verdades e a confissão é uma forma de tentar enganar meu inconsciente, pela última vez. Ah e se algo me acontecer, saiba que tenho uma carta que aparecerá no momento certo, antes do meu corpo esfriar.

Preciso de um cigarro. Pode fumar aqui? Muito gentil, obrigada. Como eu ia dizendo, depois de todas as mentiras ditas só nos resta a verdade, doutor.

Leleu e Nhonhô

Edson José dos Santos

Chapada dos Bananais é uma comunidade distante de tudo e de todos. Ela é tão isolada que demorávamos dois dias pra chegar. Mas a viagem era uma aventura e eu e minha mãe ficávamos ansiosos durante o percurso para a chegada ao vilarejo e para rever o velho Nhonhô. Um velho teimoso, homem da roça, curandeiro, rezador e conhecedor de muitas plantas medicinais. Um senhor preso as suas raízes, nunca tivera a menor vontade de conhecer a cidade grande. Dizia que era um lugar dos infernos. Hoje, não me lembro de que Nhonhô tenha de fato vindo conhecer a cidade... Porém recordo-me com saudades das belas histórias contadas pelo velho na minha infância; há... elas eram fantásticas! Leleu, meu primo ficava amedrontado com as histórias de lobisomem e nego d'água. Ele ficou velho e mesmo assim, o medo não se foi com o tempo.

Eu e Leleu brincávamos todo o dia. Tomávamos banho no riacho, roubávamos umbu da velha Tota, soltávamos pipas, cavalgamos de jegue, tentávamos pescar, mas nenhum peixe prendia-se ao nosso anzol. Nossa atenção era concentrada às mentiras exageradas do velho Nhonhô.

Mas algo havia modificado nessa última visita, Leleu queria saber mais sobre o mundo e da cidade, pois todas as vezes que vinha visitá-lo contava algumas novidades da cidade como a televisão, a internet...

Leleu estava lúgubre, algo mudara, pois nossas brincadeiras não mais o satisfazia. Queria estudar, morar na cidade, andar de ônibus, chupar balinha... Nhonhô dizia: desde que esse menino conheceu a tal de televisão no armazém do Zé, ficou diferente... Era a única TV na comunidade.

No quarto, antes de dormir, Leleu me perguntava: - Primo porque o dia e a noite? Nhonhô disse que chove porque Deus quer; o homem da televisão deu uma tela de previsão do tempo; ele também é Deus? ... O padre bento, quando mensalmente vê aqui, fala cada coisa de cidade... Primo eu quero conhecer a cidade, a escola... E foi assim, após uma longa conversa de minha mão com o velho Nhonhô, partimos para a cidade. Grande era a tristeza de ambos na despedida, mas Leleu tinha sonhos e estava decidido a partir.

Chegando à cidade, já no dia seguinte o matriculamos na escola municipal Kiboa. Na escola, Leleu sempre fora um aluno aplicado e aprendia com facilidade a lições dadas pela professora Toca. Discutíamos por longas horas da noite sobre o ciclo da água, movimento de translação da terra em relação ao sol e movimento de rotação da terra em torno do seu próprio eixo. Legião Urbana, a gravidade, Tônico e Tinoco, as meninas, grandes pensadoras da humanidade... Os olhos de Leleu brilhavam a cada conhecimento adquirido. Assim ia ele despertando para o mundo, valorizando os ensinamentos do velho Nhonhô e compreendendo a importância dos conhecimentos dados na escola pela velha Toca.

Leleu agora adora meditar, questionar, criticar, participar, pois sabe décor e salteado os valores da cidadania. Veja bem leitor, atualmente ele é até líder de sua turma de segundo grau e vice-presidente da comissão de formandos! É uma figura!...

Leleu me contou que foi vender lanches em um evento da paróquia do padre Bento para arrecadar fundos para sua

formatura. Apesar de ter galgado alguns degraus na vida, ainda guardava com ele superstições que conheceu com o velho Nhonhô, uma delas, era o medo de ir ao rio à noite tomar banho, pois a cada cuia d'água que jogava no corpo, olhava apreensivo para o meio do rio com medo do Nego d'água personagem das histórias do velho Nhonhô... Pode isso acontecer caro leitor?... Ééééé, mesmo assim, o Leleu evoluiu significativamente; compreendeu que a ciência é pautada em pesquisas, investigações metódicas e sistemáticas e, ele resulta em um trabalho racional, enquanto que no senso comum, ensinado pelo velho Nhonhô, os amigos, a igreja, são opiniões baseadas em hábitos, preconceitos, tradições. Mas ambos são importantes para o nosso crescimento pessoal; diz Leleu com veemência...

Leleu e eu continuamos a visita ao velho Nhonhô; mantemos quase sempre os mesmos hábitos quando crianças. Porém, agora as discussões entre Nhonhô e Leleu são constantes, mas ponderadas, principalmente quando o assunto é plantas medicinais; afinal de contas trata-se de um velho homem experiente da roça e um recém-formado bioquímico.

O Mistério da Vida

Janara Laiza de Almeida Soares

- Não dá mais. Adeus.

E no outro instante tudo era escuro.

Passada a vertigem, escutou apenas uma porta batendo. Sentada ainda no sofá, conseguiu identificar os passos na escada, o portão sendo aberto e o carro indo embora. Dentro do carro, ele.

“O que fazer agora?”, pensou. Na verdade não era uma questão de amor. Havia se acostumado com ele de uma forma imensa, do tamanho do mundo, e a atmosfera do seu mundo era ele.

Olhou o relógio. Horário de almoço. E o pior. Sem um almoço. Pensava que era protocolo social convocar um jantar num bom restaurante – Pois na multidão evitavam-se escândalos – levar flores, devolver o anel com a mínima decência. Não. O protocolo fora quebrado.

Agora tinha em sua frente uma vida toda para decidir o que fazer. E isso a assustava. Onde as quartas de fuga do futebol? Onde as quintas de comida étnica? Onde as sextas de exploração dos bares? Estava perdida entre todas as opções existentes, e todas as ameaçavam com a solidão. Talvez não fosse tão ruim, pensou ela. Talvez não fosse.

Tinha que começar pelo mais urgente: era horário de almoço. A conversa durara uma hora, o que lhe deixava trinta minutos

para almoçar e mais trinta para chegar ao trabalho. Desceu calmamente as escadas, cuja poeira fora maculada pelos pés dele em plena fuga. O portão, ainda aberto, lhe acenou possibilidades tantas que não sabia se conseguiria. Respirou fundo e se postou na calçada, como um soldado a analisar a situação do campo de guerra. Numa casa do outro lado da rua estava escrito: “Vende-se marmita e marmitex”. Está vendo? Não é tão difícil.

Dirigiu-se a casa, bateu na porta. Uma voz sem corpo percorreu o espaço e chegou até ela: “Pode entrar”. Apenas na cozinha ela encontrou a boca que compunha a voz “Vai ser o quê?”. “Como assim?”, respondeu sua insegurança. “Marmita ou marmitex?”

Meu Deus. Ela nunca havia descoberto a diferença entre marmita e marmitex. A maior de suas dúvidas existenciais e no momento crucial, que exigia a ausência de todas as dúvidas, ela se escancara desafiadora, materializada numa voz que parecia não ter dono ou dona.

Era mais simples ter perguntado a diferença entre uma e outra, mas isso lhe ocorreu quando já estava num restaurante self-service, depois de ter saído correndo daquela casa assustadora onde estava a placa “Vende-se marmita e marmitex”.

Voltou do trabalho. Todo o esforço de concentração de sua tarde foi direcionado para o telefone, que não tocava naquele dia, as dezessete e meia, com a voz dele avisando que iria buscá-la. E os ponteiros mais pareciam braços quando o relógio apontou dezessete e meia, fazendo sinais enfáticos ao invés de girar calmamente como é de costume. O relógio todo tremia.

Quando as portas do escritório foram fechadas, percebeu que não sabia como ir embora. Lembrou que nas cidades,

normalmente, existem carros que levavam as pessoas de um ponto a outro. Chamavam-se ônibus. Observou uma pequena aglomeração na esquina, junto a uma placa. Deveria ser ali o local místico onde eles apareciam.

Ao chegar ao ponto, perguntou a um rapaz alto e forte qual ônibus iria para a Vila dos Funcionários. O rapaz falou que a linha dois passava por lá. Ela esperou cerca de quinze minutos - tão densos, tão molhados, tão cheios de coisa mole e pesada, que seu coração começou a doer. Quando entrou no ônibus viu uma porção de pessoas olhando pelas janelas, com suas respectivas cabeças encostadas no banco. “Esse é o momento que eu mais temia”, pensou ela. “Agora eu sou um deles”.

Não que a estadia num ônibus fosse tão ruim. Até lhe agradava. Mas quando criança, ao passar com sua tia pelas ruas de Barreiras, via essas pessoas sentadas em bancos desconfortáveis como se fosse a coisa mais natural do mundo. Por conta disso concluiu que seriam zumbis. O olhar delas, sempre tão distante, olhando alguma coisa que não se definia, fazia com que se sentisse em um filme de terror. “Existe alguma coisa no ônibus que nos torna vazios. Ou cheios demais”.

A parada era a três ruas de sua casa. No caminho passou por uma praça cheia de patas- de- vaca floridas, cobrindo o chão com um rosa meio morto que não deixava de ser bonito. Quase foi atropelada por um garoto numa bicicleta. Atravessou a rua, abriu o portão, subiu as escadas (já havia pegadas) e sentou-se no sofá. A poltrona dele estava vazia. Em cinco anos nunca cogitou sentar naquela poltrona. Era o trono dele, o local onde ele virava receptáculo divino durante os filmes e jornais.

Abriu a geladeira, comeu uma fatia de queijo e um pão. Tomou café. Seu banho foi demorado e quente. Como qualquer mulher, chorou enquanto se banhava. Não porque

era frágil; nunca tivera sonhos de amor perfeito. Mas é que a água deixou seu coração mais denso e mais pesado do que já estava. Tinha que torcê-lo, amassá-lo, retirar dele o máximo possível de coisa molhada. Chorou.

Deitar na cama foi um alívio um lençol cheiroso e um travesseiro confortável. Terminou de torcer o coração ali mesmo, na cama. Não ligou a TV nessa noite.

Os dias foram passando e ela se habituou à nova vida. Já decorava os horários dos ônibus e descobriu uma parada mais perto de sua casa. Virou amiga da mulher que vendia marmitta e marmitex, mas nunca teve coragem de perguntar a diferença. Mesmo assim, todo dia, às 12h30min, levava uma marmitex para casa, criando hipóteses sobre a diferença desses dois objetos baseadas em suas observações diárias. No trabalho, fez questão de tirar o relógio da parede em frente à sua mesa. Colocou-o num ângulo que era impossível olhar. Descobriu que não precisava de relógio: pontualmente, as dezessete e quinze, todos começavam a arrumar suas mesas.

Assistiria ao jornal num sofá de canto vermelho com detalhes dourados e almofadas de cetim. A poltrona estava em algum lugar do lixão da cidade – ainda não havia aterro sanitário, o que, segundo ela, era uma falta de vergonha dos políticos e cidadãos num século onde emergia o pensamento ecológico. Começou, então, a organizar uma manifestação em seu bairro para exigir um aterro sanitário na cidade.

Certo dia – talvez em dezembro, quando o verão teima em bagunçar nossas cortinas – uma sombra entrou pela porta, deixou os sapatos no tapete da sala e pegou um copo de água na geladeira. Ela (perfeitamente deitada no sofá de canto vermelho com detalhes dourados e almofadas de cetim), como se estivesse soterrada depois de um terremoto e só agora tivesse sido encontrada pelos bombeiros, sorriu. Essa

sombra foi embora pela mesma porta – percebeu que não fazia diferença.

E de repente tudo ficou colorido, porque o relógio ainda funcionava, mas agora ela entendia o mecanismo.

Aprendendo a dizer não

Janaína Netto

- Triiimm!!!!

- “Alô” Oi. Sei, ham ! Não, não.

- Não posso, é... Vou estar ocupada.

- Pois, é. Tchau.

-Não, não, não. Como é bom dizer não! Estou completamente curada! Ah, não foi fácil... Mas consegui. Parece até ironia do destino, minha mãe ter escolhido o meu nome de Amanda. Se é A Manda, então quem tem que mandar é eu! E não ficar sendo mandada pelos outros.

Lembro-me como se fosse hoje! Minha infância..., adolescência...; maturidade....

Um dia marquei de sair com umas amigas, e quando estava atravessando a porta para sair, ouvi um grito: “Mamãe, quero ir ao parquinho!”. Mamãe, com sua voz firme, dizia: “Manda a Amanda te levar.

Era o dia todo “Mamãe quero isso!”. “Mamãe quero aquilo”. E Mamãe sempre a repetir “Manda a Amanda”.

Eu era uma boa filha. Nunca dizia não para Mamãe. Por ser a irmã mais velha de dois irmãos, era meu dever ajudar. Apesar de, algumas vezes, ficar me perguntando se esta era a minha sina. Todos já estavam tão acostumados a mandar a Amanda

que eu me acostumei a obedecer. Lembro-me de uma vizinha, muito amiga de Mamãe, sempre de tardezinha ia lá em casa para dizer o quê estava faltando na dela:

-Dona Maria!

- Oi!

-Amanda tai?

-Tá!

- Ah!...;To com uma vontade de comer um pão quentinho!

- Manda a Amanda ir comprar!

E eu obedecia. Na minha adolescência não foi diferente. Arrumei um namorado. Ele era a coisa mais linda do mundo! Um dia saiu eu, ele e uma amiga minha. Ela se ofereceu para ir junto. Saímos os três. Fomos ao cinema, era um filme romântico. No meio do filme ele me pediu para comprar pipoca. Eu fui! Fiquei um bom tempo na fila esperando até ser atendida. Quando voltei, o filme já havia terminado. Fomos os três embora, ele estava de carro. Deixou-me primeiro em casa. Foi estranho. Depois daquele dia ele nunca mais me ligou nem quis me ver.

Ah, mais! Quando passei no vestibular, entrei para a faculdade, pensei: “Daqui pra frente, tudo vai ser diferente!” Mas não foi. Nos trabalhos em grupo, Amanda quem digitava, Amanda quem fazia, Amanda quem pesquisava. Elegeram-me a representante da turma. Tudo que tinha para fazer, era Amanda que fazia. E se era para ouvir reclamações, Amanda era que ia.

Quando me formei, entre para o mercado de trabalho, os plantões de finais de semana, Amanda era que cobria. Sexta-feira todos queriam sair mais cedo para o Happy hour, mas Amanda não podia ir, tinha que ficar para enviar os relatórios referentes ao fim do expediente.

Quando um dia, voltando para casa, cansada do trabalho e triste com a minha vida, estava a caminhar cabisbaixa, quando me chamou a atenção um papel colorido no chão escrito: “Promoção! As primeiras três sessões são grátis.” Era de um consultório de psicologia. Foi aí que veio a luz, era disso que eu estava precisando. De um psicólogo! Só ele podia resolver o meu problema, já estava cansada de tanto dizer sim, queria dar um basta nessa situação. Ele tinha que arrancar o sim da minha vida. Eu tinha que aprender a dizer não.

Foi assim que eu conheci o doutor Raul, meu psicólogo. Se hoje eu estou curada, é graças a ele. Profissional competente, homem bom, digno, honesto. A primeira vez que entrei em seu consultório, ele logo percebeu meu desespero. Conte-lhe toda a minha vida de obediência por não conseguir dizer não. Ele se sentiu muito comovido com a minha história. Depois de duas semanas de análises, ele diagnosticou meu caso: eu sofria de sincronize aguda. Caso sério! Mas ele estava empenhado em me ajudar. Disse que seria uma luta diária, dia após dia eu tinha que ser forte. O sim na minha vida era meu vício e eu tinha que me libertar. Hoje faz três anos que me trato com ele.

- Meu Deus, já são 16h00min horas! Tenho que correr! Doutor Raul odeia quando atraso.

Ele é sistemático nos horários dos seus lanches. Sou eu que levo todos os dias.

A grande tempestade

José Luiz Soares da Rocha

Tudo aconteceu em uma linda tarde de verão, quando o sol brilhava em toda cidade com um tom avermelhado de cores anunciando que o dia estava se acabando. Levi depois de um dia tenso na faculdade sai em direção ao estacionamento para pegar o carro e fazer sua última atividade diária que era ir para sua casa. De repente o telefone toca e, ele percebe que o dono do outro lado da linha tinha alguém que se achava muito apreensivo tentando lhe dar uma notícia que por sinal não era boa, preocupado perguntou quem estava falando, mas logo em seguida percebeu que era sua mãe.

Quando ele a pergunta o que está acontecendo, ela não responde de imediato, e pergunta - Você esta saindo da faculdade? – Estou.

- Meu filho, por favor, procure um lugar seguro para ficar. Diz Virginia, sua mãe.

Sem entender o que estava acontecendo ele pergunta:

- Mas porque a senhora está me falando isso?

Nervosa sua mãe não responde.

- Estou muito preocupada com nós todos, pois acabei de ver nos jornais que houve uma grande mudança no clima de nossa cidade que nem os meteorologistas estão conseguindo entender e que provavelmente em torno de 1 hora uma

tempestade com ventos a 300 km/h invadira toda a nossa região.

Levi ficou muito nervoso, apesar de a notícia ser muito estranha, pois acabara de sair da sala de aula e ninguém havia comentado nada, mas ele sabia que não podia duvidar de sua mãe porque está muito longe de casa e o percurso até seu lar poderia gastar umas 2 horas, principalmente depois de uma notícia dessas, o trânsito ficaria pior do que os dias anteriores. De repente lhe surgiu uma idéia.

- Mãe vou para a casa de um colega da faculdade que fica aqui perto. Diz Levi. Sua mãe se pronuncia: - Filho tome muito cuidado vou ficar pedindo a Deus para nos proteger.

Depois disso Levi viu uma multidão de pessoas saindo correndo da faculdade em direção as suas casa. Ele para um de seus professores e pergunta o que estava acontecendo e o professor repete o que sua mãe havia lhe falado. Mesmo sem entender porque há alguns minutos atrás o sol imperava no planeta com seu brilho incomparável, mas começou a perceber que no céu já estava começando a se formar algumas nuvens escuras.

Já havia se passado meia hora, foi quando Levi decidiu ir em direção a casa de seu colega.

Ao sair da faculdade ele se depara com um enorme engarrafamento de carros e começa a ficar preocupado, pois o tempo estava passando muito rápido. O transito estava infernal, porque as pessoas estavam desesperadas e a todo instante acontecia discussões.

De repente começa a cair do céu algumas pedras de gelo com algumas gotas de água e as pessoas que estavam no trânsito se desesperavam ainda mais. Muitas nuvens de chuva foram se formando e lá no final da Avenida, Levi começa a ver uma

grande tempestade vinda em sua direção, carregando todos os obstáculos que encontrava pela frente, ele começa a chorar, pois a morte estava em sua frente. Foi neste momento que ele se assusta, logo em seguida começa a agradecer a Deus por aquela agonia ser apenas um sonho. Mas em seguida imagina que este sonho aconteceu porque naquele dia tinha feito uma avaliação sobre sustentabilidade e tinha estudado muito, ao mesmo tempo ficou preocupado com a situação em que o planeta se encontrava. Pois, ele é estudante de engenharia ambiental na Universidade Federal da Bahia.

A CURVA

Joseane da Rocha Freitas

Certo dia, lá no interior de Mangabeira, onde passei toda a minha infância, aconteceu algo muito cômico. Ah! Eu acho graça hoje, mas no dia estava mais para o trágico.

Voltávamos da escola todos a cavalo, um grupo de sete pessoas numa faixa etária de doze a 15 anos de idade, entre a turma a minha irmã mais velha, ou seja, a protagonista da minha história, papel que ninguém desejaria ocupar, fiquem calmos vou contar o que aconteceu

O cavalo que a minha irmã estava era um pouco nervoso, e acostumado a participar de corridas, por isso não podia ouvir gritos e nem sentir que outros cavalos corressem atrás dele.

Dentro do grupo de estudantes havia alguns meninos que gostavam de brincadeiras nada sutis, então resolveram gritar e colocar os cavalos para correr, vários ao mesmo tempo. Quando o cavalo da minha irmã, que estava um pouco na frente, ouviu aquela gritaria e sentiu que ia ser ultrapassado pelos outros cavalos, ele se enfureceu e começou a correr, e a correr cada vez mais e mais rápido. Todos os cavalos pararam menos o da minha irmã, foi aí que percebemos que algo estava errado, começou o desespero, pois descobrimos que o cavalo dela tinha disparado e estava sem controle. A qualquer momento ela poderia cair machucar-se seriamente. Seguimos atrás devagar, o cavalo corria tanto que logo sumiu das nossas vistas.

Na velocidade que ia ele entrou em uma estrada que dava acesso a casa de outros colegas, no que ele curva o corpo para entrar, ela não conseguiu acompanhá-lo foi se segurar e acabou caindo. No momento, minha irmã ficou tão tonta pela queda, que as pessoas que a socorreram disseram; ela pediu um quilo de água e um copo de açúcar, pois estava passando mal, mas essa última parte foi invenção nossa, sabe como é! Apenas para passarmos alguns dias atormentando a coitada pelo acontecido.

Apesar de levantar meio variada, ela não sofreu nada grave, o pior que aconteceu foi ouvir algumas piadinhas por um bom tempo. Não podemos negar que ela resistiu bravamente muito tempo encima do cavalo e só caiu por culpa da curva que ele fez.

O Mal entendido

Rosilda Santos da Silva

- Bom dia! Tio, Como foi a viagem?

- Bem.

João mal respondeu, entrou para o quarto sorrateiramente, guardou as malas e quando ouviu os sobrinhos falarem num suposto churrasco. Desapareceu sem deixar pistas.

Paulo, Roberto e Pedro, aguardaram João para jantarem juntos, mas o tio não deu as caras. Estranho não? Foi então que Roberto foi ao quarto de hóspedes, mas não o encontrou e gritou: - O tio... Não está no quarto.

Logo após essa notícia, começava aí uma longa maratona. Anúncios em rádios, TV, B.O em várias delegacias. Até telefonemas deram para a Bahia, pensava-se que João tivesse desistido do passeio á capital federal e teria voltado para sua terra. Cessaram-se as buscas, ninguém o havia visto em lugar algum. Na segunda-feira, os sobrinhos saíram para trabalhar, do tio só restavam lembranças... Eixão, pista de mão dupla, trânsito intenso, carros em alta velocidade, pedestres apressados.

De repente, o motorista do ônibus freira bruscamente, pois percebe que alguém acena aflitamente em sua direção, era um homem com aparência estranha e maltrapilha, apavorado entra no ônibus pela porta contrária à catraca, o cobrador não entendeu a atitude daquele passageiro.

Num certo ponto do percurso, o passageiro tenta escapar – fugir pela janela, sendo imobilizado pelos passageiros. Foi então, que os sobrinhos o reconheceram como sendo seu parente desaparecido. Mas, o homem dizia não conhecê-los.

- Bom dia! O senhor está bem?

- Um pouco doutor.

- Sofri muito, andei igual como um condenado sem rumo, até dormir em árvores, eu dormi.

- Mas por quê?

- Por que vou falar pro senhor, no dia que eu cheguei da minha cidade, os ouvi dizer que iam me matar e fazer um churrasco de mim. Os rapazes riram muito e repetiram para o médico as palavras ditas por eles no dia da chegada. Disseram que amavam o tio como se fosse seu pai de verdade, muito mais que padrasto.

Sem Palavras

Verônica Gonçalves de Lima

As ideias me vêm à mente como as ondas do mar em fúria, como a bala atravessando o corpo, no entanto quando me deparo com um papel em branco essas ideias que invadem o meu ser, sem ao menos pedirem licença vão embora da mesma forma que chegaram. Penso em pôr nesta página em branco tudo aquilo que estou vivendo, mas quando o vejo, minha mente se autobloqueia como se fosse uma espécie de aviso dizendo que é um erro por em evidência os meus sentimentos. Mas eu preciso colocar para fora tudo o que está dentro de mim, preciso dizer que eu estou passando por um momento difícil em minha vida. Eu tenho que dizer que estou confusa, que preciso de ajuda, e essa ajuda deve me ser dada pelas palavras que saem aos poucos no papel, cuspidas ritmicamente e sem desvios.

Eu vivo em uma batalha constante com as palavras, elas insistem em não demonstrar o que sinto, elas se negam a refletir o meu desespero, a minha angústia, a minha dor. Peço a elas todos os dias que me deixe desenhá-las nesta folha em branco, permita-me usá-las como a voz do meu espírito, que não me deixe passar por essa tortura, que me conceda o prazer de tê-las nas linhas da minha vida. Mas, elas mais uma vez se negam a aparecer, sem me dar uma única explicação.

E mais uma vez eu insisto, e então, aos poucos elas saem, letra por letra como uma criança que está aprendendo a escrever, começando de forma tímida e de repente o que era difícil se torna automático. Mas eu ainda não me adaptei, pois elas não me deixam expressar o que sinto apenas me possibilitam falar delas mesmas. Elas são egoístas, mesquinhas, pensam apenas em si próprias, não me deixa usá-las. Eu só queria que me dessem a oportunidade de narrar os últimos acontecimentos da minha vida, e dizer que talvez estes sejam os mais intensos pelo quais já passei. Essa minha briga com essas pequenas criaturas me angustiam cada vez mais. Os meus dedos pulsam, querem se movimentar, mas elas não vêm, não saem. Então, me desespero.

Formato: 150 x 210 mm
Fonte: Constantia, 13 e Minion Pro, 12
Miolo: papel Pólen Soft, 80 g/m²
Capa: papel Supremo, 250 g/m²
Impressão: setembro 2015.

Fátima Leonor Sopran

Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia tem se preocupado em disseminar o gosto pela escrita. Por essa razão, já organizou quatro livros: “Descobrimo nossas raízes”, “Análise de texto”, “Poesia Social” e o atual “Ecletismo na poesia e na prosa”, fruto do Projeto de Dedicção exclusiva “Escrita de crônicas, contos e poesias na Universidade”. Também publicou a crônica “Unhas! Profundas unhas” no Livro “Emoção repentina” da Assis editora – Uberlândia-MG. Além dos livros organizados desenvolve o Projeto de extensão “Leitura de fábulas e contos de fadas no processo ensino-aprendizagem para alunos do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental”. Marcando seu trabalho na universidade como incentivadora da leitura e da escrita.

U C O M P L D O
M R T Q S N B Z
N Q P M P O L I
C R Ô N I C A S
I Q E J P O R P
R Z S M T N I T
C W I O U T C A
U P A Y X O V O
M O M Q
O Y X V M T R



www.eduneb.uneb.br

ISBN 978-85-7887-285-4



9 788578 187285 4